U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

MESTRADO EM ARTE E DESIGN PARA O ESPAÇO PÚBLICO

A VIDA AGITADA DE UMA CIDADE

DESCONSTRUÇÃO DE ROTINAS E CONSTRUÇÃO DE NOVOS LUGARES

Joana Sofia Passos Mesquita De Abreu

DISSERTAÇÃO E TRABALHO DE PROJECTO DE MESTRADO APRESENTADOS

À FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ARTE E DESIGN PARA O ESPAÇO PÚBLICO

JULHO 2016

ORIENTADORA: Professora Doutora Gabriela V. Pinheiro

CO-ORIENTADORA: Professora Désirée Pedro

agradecimentos

à minha orientadora e professora, Gabriela Vaz-Pinheiro,
à minha co-orientadora Desirée Pedro,

por me terem ajudado a descobrir novos caminhos;

à minha família e amigos que sempre acreditaram em mim;

ao meu carpinteiro Guilhermino;

e às pessoas e coisas anónimas
que me inspiram e fazem desviar o meu olhar na cidade.

Fachada de um edifício na Rua da Picaria,
Porto, 2015

sinopse

O objecto de estudo desta investigação é a cidade enquanto lugar de rotinas e enquanto espaço capaz de acolher intervenções artísticas de modo a proporcionar-nos diferentes sensações e experiências.

Quer-se perceber quais são as rotinas de quem vive a cidade e como podemos modificá-las, não no seu conteúdo, mas atribuindo-lhes uma outra componente de fruição estética de modo a despertar a atenção das pessoas para os pequenos detalhes, à priori negligenciados, valorizando-os e recuperando-os.

Pretende-se entender qual o papel do ser humano na cidade enquanto ser que habita e diferenciar dois conceitos importantes que formam a imagem da cidade: o espaço e o lugar.

Estas duas definições foram cruciais na abordagem deste tema pois é com elas que a palavra cidade, enquanto elemento social, dinamizador e urbano, se formaliza.

A cidade do Porto foi o foco de estudo deste trabalho. Os movimentos, a procura de espaços escondidos, os pormenores, e outros aspectos, foram analisados de modo a que os projectos implementados conseguissem estimular e provocar o percurso dos transeuntes da cidade.

O caminhar como processo foi o motor de desenvolvimento do trabalho e do projecto inerente a esta dissertação.

Mesmo na *vida agitada de uma cidade* o transeunte consegue captar imagens que leva consigo, que depois se transformarão em memórias visuais.

Com pequenas intervenções artísticas, ainda que efémeras, pretende-se incidir sobre o stress quotidiano das pessoas que percorrem o espaço público, levando-as a pensar em pequenas e simples coisas que constroem mais um dos seus dias.

palavras-chave

rotinas - cidade - detalhes - caminhar - intervenção urbana - decadência - património

abstract

The object of study of this dissertation is the city as a place of routines and also being a space able to recive artistic interventions in order to offer us different sensations and experience.

We want to see what are the routines of those who live the city and how can we modify them, not in its content, but giving them another component of aesthetic enjoyment in order to arouse people's attention to the small details, at first sight, neglected, valuing and retrieving them.

It is intended to understand what is the role of the man in the city while habitant of it, and differentiate two important concepts that make up the image of the city: space and place.

These two definitions will be crucial in the approach of this subject, because it is with them that the word city, while social, dynamic and urban element, if formalizes.

The city of Oporto was the focus of study in this work. The movement of passersby, the looking for hidden spaces, details and other aspects will be analysed so that the projects implemented was able to stimulate and provoke the route of passersby in the city.

Walk the process will be the development of the work and the project inherent in this dissertation. Even in the hectic life of a city the passerby can capture images that later will become visual memories.

With small artistic interventions, even if ephemeral, it intend to focus on the everyday stress of people who walks in the public space, leading them to think in small and simple things that will help them build their day.

key words

routines - city - details - walk - urban intervention - decadence - heritage

Índice

1. **Introdução** 9

2. **O meu olhar na cidade** 12

3. **O caminhar como processo** 17

4. **Espaço e lugar na cidade** 26

5. **O habitar** 30
   O habitar do ser humano na cidade 30

6. **A cidade do porto** 36

7. **Considerações finais** 47
   Sobre *Preencher Vazios* 47
   Sobre o futuro 49

8. **Anexos** 50

9. **Referências** 68

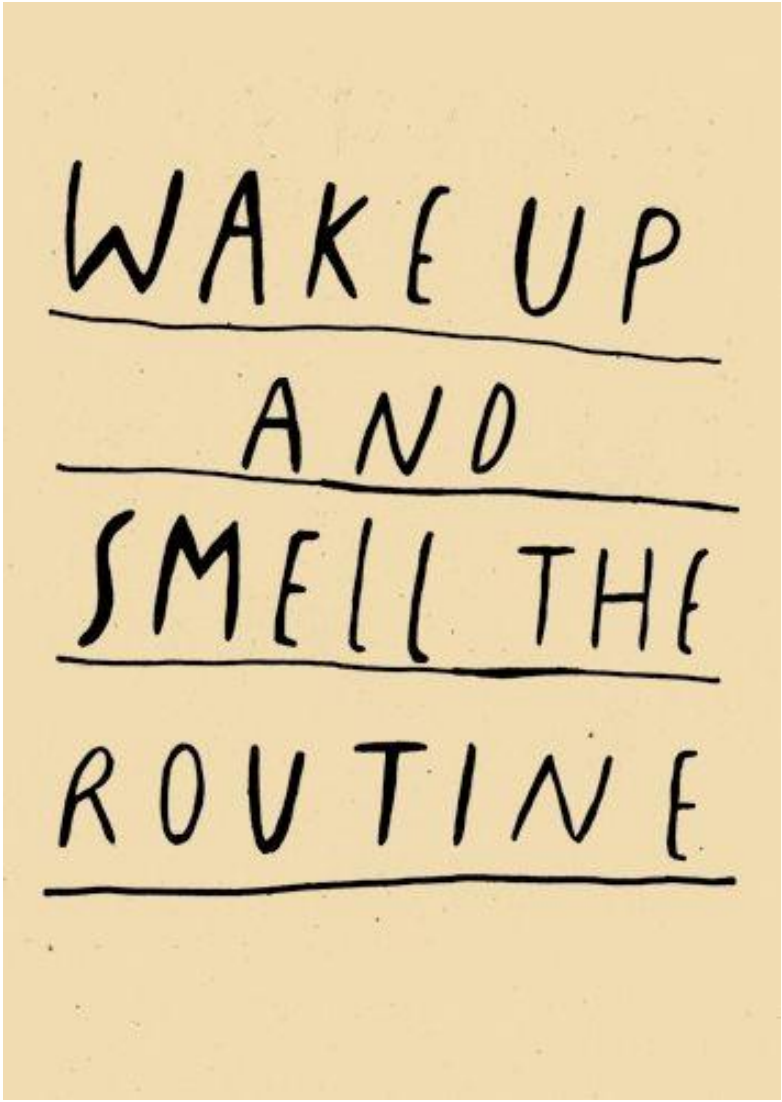


Ilustração de Wasted Rita, 2015

DE QUE MANEIRA É QUE HOJE USUFRUÍMOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS? + **DE QUE FORMA É QUE O SER HUMANO HABITA A CIDADE EM QUE ESTÁ INSERIDO?** + **COMO ABORDAR AS QUESTÕES DE ACESSO DA ARTE?**

↓

DE QUE FORMA É QUE PEQUENOS DETALHES PODEM MUDAR AS NOSSAS ROTINAS?

Perguntas de investigação

1. Introdução

Esta submissão para a obtenção do Grau de Mestre em Arte e Design para o Espaço Público incluí esta dissertação e o anexo livro de projecto. Por opção própria, o presente trabalho não se encontra escrito de acordo com as alterações do novo acordo ortográfico.

É também fundamental esclarecer que quando utilizo a palavra *nós*, estou a incluir os transeuntes anónimos da cidade. Isto porque os assuntos aqui debatidos devem-se às inquietações que eu mantenho com a cidade, e porque muitos deles partilham as mesmas experiências. Como tal, também escolhi escrever este trabalho na primeira pessoa, uma vez que as experiências relatadas e a componente projectual contêm um carácter pessoal.

A cidade de que falarei ao longo do trabalho, é a cidade onde eu passo a maior parte do meu dia - a cidade do Porto.

A escolha deste tema deve-se às minhas experiências pessoais de deriva pelo espaço publico. Ao longo destes últimos dois anos, comecei a observar com mais atenção aquilo que me rodeia e as perguntas começaram a surgir.

-De que maneira é que hoje usufruímos dos espaços públicos?

-De que forma é que o ser humano habita a cidade em que está inserido?

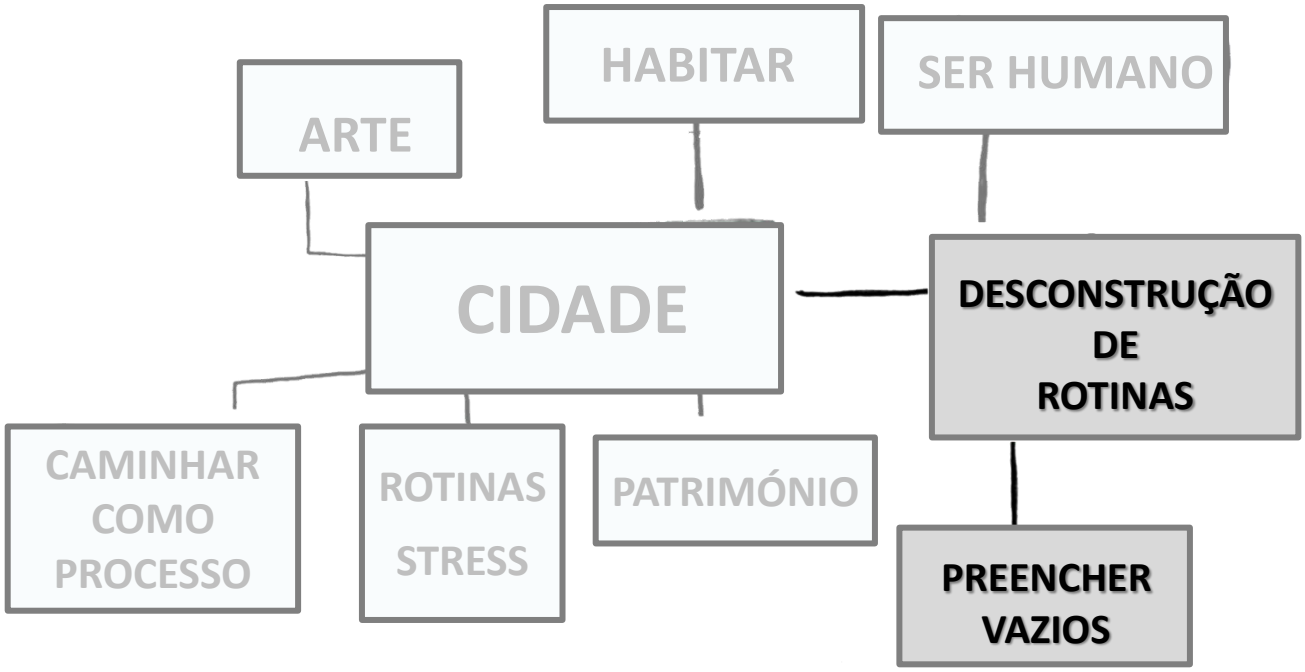
-Como abordar as questões de acesso da arte?

Mas ao longo dos últimos meses, o meu interesse e o meu olhar começaram-se a desviar para os pequenos pormenores que a cidade esconde.

A partir daí houve uma pergunta que se desenvolveu e ganhou maior destaque nesta investigação:

-DE QUE FORMA É QUE PEQUENOS DETALHES PODEM MUDAR AS NOSSAS ROTINAS?

Mapa de conteúdos



O trabalho que foi desenvolvido ao longo das seguintes páginas tem como tema predominante a cidade e a relação que esta tem com a arte. O trabalho está dividido em vários capítulos que formalizam algumas das minhas inquietações durante o meu percurso académico. O objectivo não é encontrar as respostas, mas sim aprofundar a questão, conhecer autores que também tenham debatido o assunto, questionar ainda mais o que me intriga e desenvolver uma abordagem coerente sobre o tema.

Esta dissertação é o resultado de uma estrutura dinâmica entre três componentes - a escrita, os projectos e a recensão da literatura.

Os projectos aqui apresentados foram desenvolvidos ao longo do mestrado e aparecem inseridos no trabalho como uma forma de testar os objectivos propostos por esta investigação.

O projecto *Preencher Vazios*, é o projecto principal que integra a tese e foi o projecto que mais visibilidade teve e no qual um dos capítulos principais se desenvolveu. Ele desdobra-se um pouco por todos os temas que irei abordar, e é dessa maneira, distribuída, que será apresentado o projecto.

Zhu Ming, 2006

2. O meu olhar na cidade

O nosso dia-a-dia está sobrecarregado de tarefas que nos deixam sem espaço nem tempo para outras coisas. Como refere Alfredo Mela[1], "tudo isso é efectuado de forma quase automática, sem que se torne necessário dedicar-lhe a atenção especial" [2]. A nossa presença no espaço público, nomeadamente nos espaços de ligação que utilizamos inconscientemente no nosso dia--a-dia, como as ruas, as estradas, os passeios, os jardins que atravessamos, pode ser vista como apenas uma passagem que nos leva de um lugar para um outro.

A maioria das pessoas que tem uma vida social e profissional activa tem os seus dias preenchidos com compromissos, e enquanto circulam de um lado para outro, por vezes, não deixam que estímulos exteriores tomem a sua atenção. Têm a cabeça tão ocupada e a pensar em demasiados assuntos ao mesmo tempo, que não deixam que o exterior as desconcentre, ou melhor, não dão a devida atenção aos acontecimentos que ocorrem em seu redor.

A rotina diária e o *stress* fazem com que criemos uma bolha protectora para nos isolarmos dos outros e das coisas, como diz Edward T. Hall "podemos imaginar a coisa sobre a forma de uma pequena esfera protectora, ou de um balão, que um organismo cria à sua volta para se isolar dos outros". [3]

---

[1]Alfredo Mela actualmente é professor de Sociologia no Politécnico de Torino, Itália. É licenciado em Filosofia e em 2004 exerceu o cargo de Professor no Mestrado em Planos e Projectos das Cidades do Terceiro Mundo, no mesmo Politécnico.

[2]Alfredo Mela. (1999). *Sociologia das cidades*. Lisboa: Editorial Estampa. p. 221.

[3] Edward T. Hall. (1986). *Dimensão oculta*. Lisboa: Relógio D'Água. p.139

Zhu Ming, é um artista conceptual que utiliza em muitos dos seus trabalhos esta bolha protectora para retratar as dificuldades da comunicação, a passagem do tempo e o isolamento. Ele foi um dos artistas que no inicio da década de 1990 se juntou à *East Village*, considerada a área mais experimental e artística de Pequim. Foi a partir de 2000 que desenvolveu muitos dos seus trabalhos relacionados com essa bolha protectora.

Zhu Ming, *14 O'Clock, July 27th*, 2008

A era em que vivemos é marcada pelo conjunto vasto e acelerado de informações, imagens, pessoas, ideias e acontecimentos, e não conseguimos absorver todas estas pequenas partículas que formam este documento cheio de novos *layers*. Isto porque, se vivemos numa procura constante pela produção e pela organização de um número sempre crescente de informações, – processo evidentemente potencializado pelas novas tecnologias – é essa mesma rapidez que nos permite criar e fazer circular essas grandes quantidades de informação. No entanto, este processo, rouba-nos o tempo necessário para que todas essas referências se formem e se componham. O que é absorvido do exterior tem de ser bem filtrado e organizado, pois está tudo a acontecer, parece que temos que articular numa só parcela tudo o que já foi desenvolvido, construído e vivido, mas ao mesmo tempo que estamos a fazer isso, há sempre acontecimentos a ocorrer.

Foi a partir da seguinte afirmação de Filomena Silvano em *Antropologia do Espaço* que formulei a pesquisa anterior sobre o tempo e as informações que gerimos. Ela refere que existe "excesso de tempo, de espaço e de individualismo. Excesso de tempo, porque a história se acelerou de tal forma que tudo se torna acontecimento, ou vistas as coisas de outro ponto de vista, por haver tantos acontecimentos já nada é acontecimento". [4]

Mas será que somos capazes de nos desligarmos desta tal bolha, sem nunca deixarmos que as coisas importantes que levamos dentro dela sejam afectadas por uma eventual permeabilidade?

Um acontecimento pode-se traduzir em eventos, imagens, conversas, acidentes, manifestações, intervenções, que desde que tomem a nossa atenção, já estão "a pedir" que lhes dediquemos, nem que seja uma pequeníssima, parte do nosso tempo.

Então será possível que a nossa bolha protectora tenha pequenas aberturas, capazes de recolher informações e estímulos do exterior, mas sem nunca nos esquecermos daquilo que levamos connosco dentro dela?

E será que conseguimos olhar para o espaço público e reparar que coisas novas e interessantes estão constantemente a acontecer? Nomeadamente pequenos pormenores que despertam a nossa atenção ao qual não estávamos habituados a reparar.

A cidade é uma estrutura dinâmica, em constante transformação, onde o antigo e o novo, o passado e o presente convivem lado a lado em um permanente diálogo.

O espaço público carrega em si um carácter histórico intenso envolvido com a sobremodernidade que hoje se faz sentir. Esta exagerada modernidade abafa por completo os espaços de uso público que por sua vez ficam excluídos da experiência e da movimentação que se faz sentir à sua volta.

Marc Augé defende que a sobremodernidade é produtora de espaços que não são eles próprios lugares antropológicos[5], ou seja, é a partir desta crescente modernidade que se faz sentir na sociedade que se definem os não-lugares, conceito formulado pelo autor.

[4]Filomena Silvano. (2010). *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio e Alvim. p.96
[5] Marc Augé. (2006) [1992]. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Campinas: Papirus. p.67

De acordo com a leitura feita a um artigo de Filipa Ramalhete sobre os não lugares de Marc Augé[6], as alterações que se fizeram sentir ao longo do século XX nas grandes cidades "são fruto de uma sobremodernidade que mudou substancialmente as próprias cidades e a vida social dos seus habitantes, potenciando a existência de lugares que não são passíveis de ser analisados como lugares antropológicos". Entende-se por lugar antropológico, a relação entre o social e o espaço, sendo que estes são identitários, históricos e relacionais. Com o crescimento invasivo da modernidade estes vão-se perdendo e sendo substituídos por outros aos quais Marc Augé os chama de não-lugares.

O autor ao utilizar o conceito da sobremodernidade, pretende estabelecer a ideia de continuidade acerca da era em que vivemos, e das consequências daí resultantes.

Filipa Ramalhete observa a tentativa de Augé em chamar a atenção para a relação entre estes dois conceitos, referindo que os não-lugares estão sucessivamente carregados de referências aos lugares. Como indica o autor em alusão às auto-estradas são os "textos disseminados pelo percurso que dizem a paisagem e explicitam as suas secretas belezas. Já não atravessamos as cidades, mas os pontos mais notáveis são assinalados por painéis nos quais se inscreve um verdadeiro comentário" (Augé, 1992, p. 80)

O pressuposto aqui defendido é que a sobremodernidade produz os não-lugares, isto é, os espaços que não constituem lugares antropológicos carregam em si elementos destruidores da identidade, das relações e da memória.

Algumas praças e jardins, que há tempos atrás eram criados no contexto de relação de comunidade, deixaram de transmitir o sentido de sociabilidade e a vontade de permanecer. Fernando Brandão Alves, debate muito os temas acerca da qualidade do ambiente urbano, referindo que os "espaços devem gozar do necessário conforto para a ocorrência das experiências nele previstas, e a relação entre os seus utilizadores e o espaço é feita sobre a forma de comunicação" [7]. Se assim for, é possível criar sentimentos de pertença e de segurança de que um lugar necessita para ganhar significado e despertar a vontade de ficar nos seus utilizadores.

---

[6] Filipa Ramalhete, (s.d.) *Não lugares, de Marc Augé*. Disponível em: www.estudoprevio.net/livros/1/filipa-ramalhete-.-nao-lugares-de-marc-auge.

[7] Fernando Alves. (2003). *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano. Proposta Metodológica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 114.

A maioria das pessoas escolhe a sua casa como o espaço dotado de conforto e onde se sentem acolhidas e seguras.[8] Mas, esse espaço apenas é usufruído metade do nosso dia, na qual uma parte nos encontramos a descansar, então porque é que os restantes lugares não são providos de capacidades iguais ou idênticas às quais a nossa casa nos oferece?

A maior parte do nosso tempo é passada em espaços públicos, quer seja em transportes, locais de trabalho, espaços de passagem, entre outros, nos quais nem nos apercebemos.
Se passamos grande parte do nosso dia fora de casa, estes também deveriam ser dotados de algum conforto e comunicarem connosco. Deviam fazer-nos sentir com vontade de ficar e não com vontade de que o dia acabe rapidamente para chegarmos a casa.
Se a rotina diária fosse mais activa, atenta e estimulada, talvez fizesse com que os usuários do espaço público se sentissem capazes de apreciar e desfrutar o que este lhes pode proporcionar.

O artista Ben Kinmont, no seu projecto intitulado de *Moveable Type no documenta,* conversa com várias pessoas sobre o que foi significativo nas suas vidas, tentando perceber como é que esse significado foi criado e se isso pode ser entendido como arte.

As conversas também questionaram o valor dos museus na discussão da arte e da vida quotidiana. Numa dessas conversas ele comenta com um dos participantes que no museu podemos decidir o quanto queremos estar perto da arte. Mas na vida não controlamos a arte.

As intervenções na cidade, por muito simples que pareçam, ao serem olhadas, ganham significado, e é através de pequenos projectos artísticos que se pretende desconstruir a rotina citadina dos transeuntes pela cidade do Porto, nem que seja por breves instantes. Desviar o seu olhar durante o percurso. Ter algo de novo para contar quando chegarem a casa. Pequenos gestos que por mais simples que pareçam tornam o dia um pouco diferente.

Neste sub-capítulo pretendi essencialmente falar sobre as minhas experiências enquanto transeunte da cidade, o controlo que esta exerce na nossa rotina diária e como isso influência o modo como olhámos para as coisas, e no próximo irei abordar algumas questões relacionadas com a prática do caminhar.

---

[8]Em inquéritos online, a 50 pessoas foi feita a pergunta "qual o lugar onde se sentiam mais confortáveis, acolhidos e seguros".
38 responderam a sua casa/quarto.

3. O caminhar como processo

Depois de ter manifestado no último capítulo a minha opinião acerca da relação que os transeuntes mantêm com a cidade enquanto a percorrem, chegamos a um dos temas principais da tese - o caminhar como processo - que foi crucial para o desenvolvimento do projecto.

Embora more na cidade de Valongo, grande parte do meu dia é passado no Porto. Nos percursos que faço enquanto vou de encontro aos meus compromissos, tento captar o máximo de informação visual possível e de estar atenta a todos os detalhes. Foi a partir destes percursos pelo Porto que me apercebi das correrias rotineiras e das transformações da cidade.

As mudanças ocorridas nas cidades ao longo do tempo estão relacionadas principalmente com o tipo de mobilidade adoptado.

A deslocação pedonal tem vindo a ser substituída, primeiro pelos transportes públicos, e agora pelo automóvel. O automóvel, sempre competiu com a ideia de casa, ou seja, com o espaço pessoal, tendo esta sido idealizada na ideia de um espaço reservado e deste modo atribuindo ao próprio carro um espaço pessoal. Esta comparação observa-se especialmente nas decisões dos consumos dos indivíduos e das próprias famílias associadas a este tipo de compra que é bastante reflectida. De acordo com o livro *Dez mil milhões* de Stephen Emmontt, estima-se que foram produzidos cerca de 2 mil milhões e meio de veículos entre 1900 e 2012. Calcula-se que hoje haja um automóvel por cada 8,6 pessoas no mundo.[9]

Esta questão, do uso excessivo do automóvel na nossa cidade, direcciona esta parte do trabalho na questão do caminhar enquanto processo de aprendizagem.

A referência a John Urry, um dos principais sociólogos dedicados ao estudo da mobilidade contemporânea, será feita a partir de um artigo de Eduardo Marandola[10.]

Hoje o "tempo, redes, transporte, comunicação e informação não são meros elementos presentes na vida contemporânea" - são eles os responsáveis pela organização e reprodução da sociedade. Com isto ele pede um estudo mais rigoroso por parte dos cientistas sociais quando vão analisar as mobilidades na vida das grandes cidades.

---

[9]Stephen Emmott (2013). *Dez mil milhões*. Lisboa: Circulo de Leitores. p.101
Gráfico em anexo.

[10]Eduardo Mandarola (2009). *Por um paradigma da(s) mobilidade(s)* . Disponivel em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982009000100013 , 7 de Outubro de 2017.
O presente trabalho não teve espaço nem tempo para uma leitura mais aprofundada sobre o pensamento de John Urry, sendo necessário recorrer a outros artigos.

John Urry lançou em 2007 o livro *Mobilities,* onde analisa várias formas de mobilidade, desde viagens de negócios, visitas de estudo, viagens de lazer, entre outras, e que na opinião de Eduardo Marandola, são "diferentes formas de relacionamento com o lugar e suas distintas características, o que permite pensar a dimensão da mobilidade enquanto componente da própria vida social".

Os modernos meios de transporte e comunicação que hoje se fazem sentir nas cidades são vistas como elementos básicos de reprodução social presentes na vida contemporânea, que estão em constante movimento juntamente com as pessoas.

A mobilidade está dependente da natureza social contemporânea que se encontra em constante transformação, revelando-se uma condição estruturante da própria cidade.

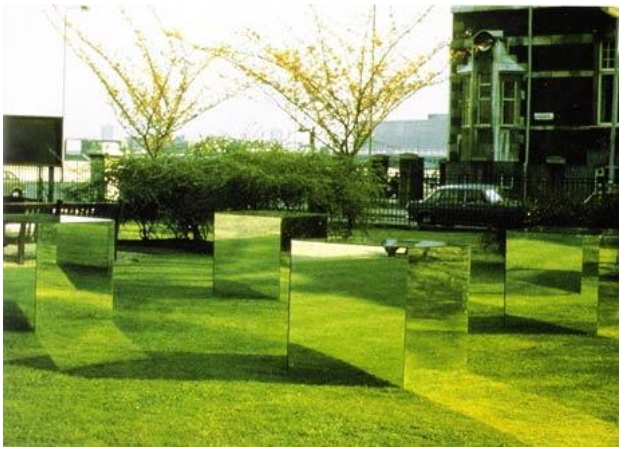
A mobilidade não é apenas a deslocação, implica também reflexão sobre o acto de o fazer, daí que seja entendida como crucial na sociedade, visto que as possibilidades de mobilidade são tão vastas e os objectos cuja principal função é garantir ao sujeito a possibilidade de se manter, em simultâneo, no espaço-tempo privado e no espaço tempo-público.

A diferença de percorrer a cidade a pé ou de automóvel reside no facto de que enquanto caminhamos os nossos sentidos são mais estimulados, e captámos outro tipo informação que é armazenada e processada depois. Dentro de um automóvel o nosso corpo está protegido do exterior não existindo relação directa com a cidade. Ou seja, os sentidos estão privados de sensações que só se mantêm quando existe esta proximidade com a envolvente citadina.

A cidade é um meio de comunicação, confrontos, consumo e de eventos, onde tudo está em constante movimento. Ao andarmos a pé estamos mais susceptíveis em relação a tudo a que se passa ao nosso redor, e o mínimo desconforto visual sobre aquilo que estávamos habituados a ver, desperta os nossos sentidos.

Sem pretensão de uma análise histórica aprofundada, será pertinente neste momento referir alguns artistas e os seus trabalhos e a relação que estes estabelecem com a cidade.

A partir da década de 1960 vários artistas tomaram o elemento da paisagem como fonte de inspiração para as suas obras, inserindo-se nesse elemento e utilizando algumas das suas matérias naturais para produzir material artístico. Este movimento, a *Land Art*, pode ser considerado um protesto de insatisfação cultural devido às tecnologias mas também uma procura do interesse pela ecologia. As primeiras obras a surgirem foram de Robert Morris e Robert Smithson, os cubos de espelhos e a espiral desenhada na areia, respectivamente. Considerada uma marca deixada pelo artista na paisagem, muitos destes trabalhos estão inteiramente ligados ao lugar onde estão inseridos e não podem ser transportados para outro, até porque estes estão dispostos a transformações originadas pelo tempo.



Robert Moris, *Mirror Cubes*, 1965

Robert Smithson, *Spiral Jetty*, 1970, Uhta, Estados Unidos

Em Inglaterra, na mesma altura, o mesmo aconteceu com alguns artistas no que se refere às disciplinas de escultura e pintura. O escultor Richard Long sente que não se enquadra como um *land artist* mas talvez como um *walking artist,* visto que a sua obra é concebida através das caminhadas parecendo para ele bastar o seu corpo e a paisagem.

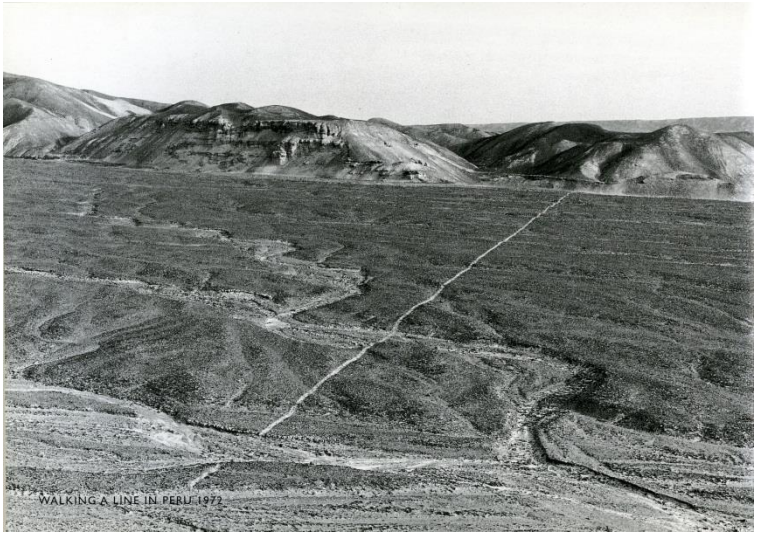
Por vezes ele marca os seus trajectos em mapas, outras vezes utiliza madeira, pedras, algas, o que encontrar à sua volta para marcar o seu caminho na paisagem.

Pode-se ver que o seu primeiro trabalho *Line made by walking* de 1967, não difere do seu trabalho enquanto caminhava no Peru em 1972, nem mesmo em 1988 no Shaara. Ele mantem a mesma linguagem de exploração da paisagem ao longo do tempo onde as linhas e os círculos são duas formas de ele definir o lugar. Ele refere que:

"alguns lugares sugerem um círculo e outros uma linha. É algo muito misterioso. Acho que o círculo e a linha têm cada qual um ambiente diferente. Os círculos são fechados, no interior de um lugar, como um centro, e as linhas têm mais a ver com direcção, como olhar para fora, para o exterior". [11]

Deixar registos na paisagem é outra forma de a observar. Estes simples gestos de Richard Long com materiais do próprio lugar, acabam por ser acessíveis a qualquer olhar, deixando na paisagem a apropriação e exploração do autor.

Richard Long, *A Line Made by Walking* , Inglaterra, 1967



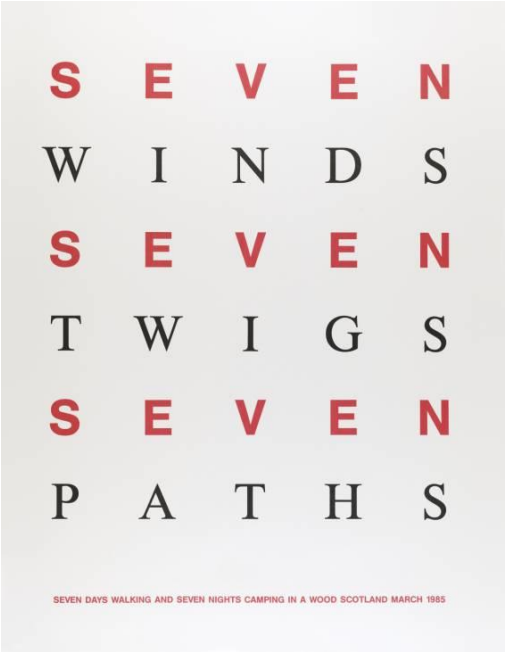
Richard Long, *Walking a line in Peru,* Peru, 1972

Um outro artista no qual vou referenciar o trabalho que tem desenvolvido ao longo de 40 anos em caminhadas é Hamish Fulton. Desde Inglaterra, Escócia, Japão, França, Perú, Espanha, entre muitos outros países, procura sempre áreas onde possa estabelecer contacto com a natureza.

A sua obra não se limita ao simples acto de caminhar, ele encontra outras formas de transpor essa experiência através de palavras, fotografia, desenhos e livros que recriam e dão sentido a toda essa experiência do caminhar. Ele usa a paisagem como local para produzir a sua arte e não a paisagem como matéria.

[11] As declarações de Richard Long foram retiradas da entrevista concedida a Chus Tudela em agosto de 1995, e publicadas no Periódico de Aragón, Huesca, Espanha.

Nas exposições que faz sobre as suas caminhadas tenta retratar e fazer com que a experiência do caminhar possa ser sentida por quem observa a sua obra. O espectador não pode sentir qual é o ritmo da caminhada nem a textura do piso por onde ele andou, mas através da combinação da imagem e da palavra a percepção tenta ser transmitida. As fotografias de Fulton não retratam simplesmente lugares por onde passa, elas têm um discurso próprio que se complementam com palavras. Muitas das fotografias são planos amplos que são marcados pela presença de um caminho que divide a paisagem e sugere a sua própria caminhada.



Hamish Fulton, *Seven Winds*. Escócia, 1985

Hamish Fulton, *Norte de França*, 1977

Outro artista que explora a paisagem como suporte artístico é Jeremy Wood. O seu projecto *GPS Drawing* são desenhos virtuais que são traçados a partir de percursos e gravados com tecnologia GPS. A partir das coordenadas, explora o desenho através de trajectos pré--estabelecidos realizados sobre a terra, o ar e a água, onde os seus movimentos são registados.

GPS Drawing, *Water on water*, 2001

Foi pertinente referir o trabalho destes artistas que têm uma relação muito próxima com a paisagem para poder agora abordar a relação que eu tenho com a cidade, que se assemelha em alguns aspectos.

O facto de eu andar pela cidade sempre a pé, fez com que eu aos poucos mudasse a maneira de como olho para a cidade. Os percursos eram quase sempre os mesmos, e a uma determinada altura, pela sua recorrência, chamou-me a atenção o facto de faltarem azulejos nas fachadas das casas. E foi então que comecei a pensar na maneira de transformar este problema em projecto central da tese.

Depois de andar sempre pelas mesmas ruas e de ver sempre as mesmas coisas, decidi deixar--me levar por caminhos diferentes e ir à descoberta do novo. O percurso que normalmente fazia passou a ser substituído por ruas novas e outros atalhos. A partir daí os sentidos começaram a estar mais despertos e o facto de não saber por onde aquela rua me levava fez que continuasse ainda com mais interesse na descoberta. Cada rua tinha algo de diferente que despertava a minha atenção e também aquelas pequenas viagens de autocarro começaram a fazer-se a pé. As fachadas das casas começaram a interagir comigo e em cada percurso observava com atenção cada detalhe e registava-os.

Esta pequena mudança no modo de me deslocar na cidade fez com que muito aspectos dela, que estavam escondidos, se tornassem agora visíveis. É um pouco como a deriva, mais experienciada por Guy Debord no fim da década de 1950. A deriva define-se como um *comportamento lúdico-construtivo* que vai decifrando o espaço através da experiência directa, tal como eu fui percebendo a cidade.

A caminhada dos jovens *Stalker*, de andar por Roma mas ocupando apenas os espaços à sua volta, pretendia sair da cidade praticada, da cidade que se conhece e ver o que está em seu redor.

Só havia uma ideia de fazer um percurso em torno da cidade, e tínhamos uma ideia da distância com relação ao centro da cidade, (…) Mas sim, nós estudamos os mapas, mas eu diria que não os levamos connosco. Quando fizemos o trabalho de prospecção víamos mais as passagens e as grandes distâncias, era mais para compreender se seria possível fazer a caminhada, a ideia era ver o que poderíamos fazer com as barreiras, às vezes cortávamos as cercas com tesouras, entrávamos em espaços privados. (…) A cartografia mesmo só veio depois, não desenhamos antes, não seguimos um desenho.[12]
(Frascesco Careri, 2013)

Cartografia representativa de uma das caminhadas feitas pelos Stalker em Roma

[12] Entrevista a Francesco Careri por Paola Berenstein Jaques, in Revista *Redobra*, ed. Nº11, ano 4.

Este tipo de caminhada exploratória dos Stalker na qual Francesco Careri participou, seria um tipo de exploração dos vazios da cidade, aqueles que não se encontram nos mapas mas que estão carregados de descobertas e possibilidades.

O livro *Walkscapes* de Francesco Careri é um convite ao leitor para o acto de caminhar, como modo não somente de ver mas de criar paisagens através da prática do caminhar.

Careri defende que a cidade é um jogo a ser utilizado para o seu próprio usufruto, um espaço para ser vivido colectivamente e onde experienciar comportamentos alternativos, onde devemos perder o *tempo útil* para transformá-lo em tempo lúdico-construtivo. Tal como indica Francesco Careri:

> "O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. (…) É uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço" (…). [13]

Com base nas caminhadas e nas percepções que se obtinham da mesma, surgiu o projecto da Nova Babilónia em que a partir dos acampamentos de ciganos se formalizaria numa cidade móvel para uma população nómada e que se iria desenvolvendo segundo os deslocamentos da própria população. Seriam habitações colectivas, criadas através de elementos móveis e sempre em constante transformação. À medida que eles se mudavam, a Nova Babilónia iria com eles, mas a verdade é que ela sempre existiu, nos descampados, nos vazios e nos cantos da cidade. Neste processo o mais interessante são as descobertas que se fazem através dessas caminhadas, e uma delas é que a tão sonhada Nova Babilónia, a cidade nómada projectada por Constant sempre os acompanhou. Bastava estar atento para encontra-la nas margens, nas sombras, nos arredores da cidade.

A Nova Babilónia foi uma tentativa de Constant de materializar o seu pensamento urbanista em relação aos situacionistas nos anos de 1950/60. Uma vez que isso era contraditório pois ele pretendia projectar uma cidade que por si só deveria ser uma construção livre e aleatória entre a sua população.

---

[13] Francesco Careri, (2014). *Walkscapes. O caminhar como prática estética.* Barcelona: Gustavo Gili. (Capa)

Estação de comboios, Valongo, Maio 2015

O caminhar deixou de ser uma necessidade e passou a ser uma escolha.

Se nos dispusermos a contornar aquilo a que estamos habituados a ver e a fazer, se nos sujeitar-mos a pequenas mudanças e optarmos por fazer coisas diferentes todos os dias, talvez consigamos desconstruir a nossa rotina e tirar algum partido dela.

A questão não é andar à procura disso tudo, é deixarmo-nos levar por caminhos que nos convidam e não procurar o porquê dessa escolha.

O projecto dos *Preencher Vazios* identifica-se um pouco com todos os pontos que foram abordados anteriormente. Ele surgiu a partir dos percursos que normalmente fazia, da informação visual que captava e de um detalhe que em especial me começou a chamar à atenção: as fachadas. A partir daí comecei a focar o meu olhar, comecei a percorrer ruas que não me eram familiares, comecei a deixar-me levar pelos meus passos.

Os meus percursos e a falta de azulejos das fachadas foram a matéria que se viria a transformar no registo do meu corpo pela cidade. As intervenções que daí resultaram foram fruto deste contacto, do movimento do meu corpo com os elementos estáticos da cidade.

Registo da fachada de um edifício da rua Mártires da Liberdade, Porto, 2015

4. Espaço e lugar na cidade

O espaço e o lugar são dois temas profusamente debatidos, permanecendo importantes para, entre outras coisas, percebemos o comportamento do ser humano na relação com eles. É, por isso, indispensável fazer a ligação dos mesmos com a cidade.

No caminho que percorri ao longo da dissertação, Marc Augé, Yi-Fu Tuan, Michel Certeau e Henri Lefebvre foram os autores que mais destaque tiveram para compreender o espaço e o lugar. Esta dissertação não possuí espaço para aprofundar o estado do pensamento destes autores, mas será necessário introduzir um pouco do seu trabalho para formalizar a minha posição acerca destas duas definições.

O espaço e o lugar são indispensáveis à condição humana, e um depende do outro. Michel Certeau, na *Invenção do quotidiano,* refere que o espaço é o lugar praticado [14].
À medida que esse espaço vai adquirindo pertença e é vivido, transforma-se em lugar.

Um lugar relaciona-se connosco, tem histórias e memórias, e adquire significado à medida que é *experienciado*, mas depende do tipo de relação que tenhamos com ele. Porque um lugar também se pode transformar em não-lugar rapidamente, devido à sobremodernidade que hoje se faz sentir. É essa sobremodernidade que, segundo Marc Augé, cria os não-lugares, como já foi referido anteriormente. A cidade é composta por diversos elementos que nos são característicos, outros que não. Mas são esses primeiros elementos que definem o espaço no nosso inconsciente. Quando falamos em lugar, lembramo-nos de um local que nos é familiar e que de alguma maneira se relaciona connosco, reconhecemo-lo e inserimo-nos nele. Assim como já mencionei atrás neste trabalho, Marc Augé, autor do conceito dos *não-lugares,* explica que enquanto um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, já um espaço não se pode definir como tal, formulando assim a definição de um não-lugar.
(Marc Augé, 1992)

[14] Michel Certeau. (1980). *A invenção do quotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. p.201

De outra forma, Lefevre vê a necessidade de uma participação maior daqueles que habitam a cidade para instaurar a reconfiguração dos espaços públicos para que os cidadãos possam exercer as práticas da cidadania.[15] No seu livro, *O Direito à Cidade*, esta afirma-se como um direito à apropriação do espaço com participação activa e integração da diferença.

Mais do que permanecer no espaço é preciso conhecê-lo, sentirmos que fazemos parte dele, ou então que ele faça parte de nós, onde a prática do espaço e o sujeito se entrelaçam e ganham expressão.

Reflexos Urbanos, Junho 2014, Jardim do Carregal, Porto

Acho pertinente neste momento falar do projecto que teve lugar em Julho de 2014, no Jardim Carrilho de Videira, mais conhecido por Jardim do Carregal, no Porto, projecto que implicou a compreensão e envolvimento da comunidade.

O convite foi lançado pela Câmara Municipal através do Pelouro de Inovação e Ambiente, à Faculdade de Belas Artes, especificamente ao MADEP, devido ao abate de uma árvore centenária presente no jardim, por forma a deixar uma marca que assinalasse a vida e o desaparecimento deste elemento arbóreo imponente.

A sequóia centenária tinha cerca de 30 metros de altura, pelo que o seu desaparecimento iria influenciar a fisionomia do jardim e gerar indignação pelos que lá passavam. Geralmente o abate de grandes árvores em espaço público não é bem recebido e muitas vezes mal compreendido por parte dos cidadãos, facto que possivelmente se deve à falta de informação de todos os dados do processo.

O projecto *Reflexos Urbanos,* pretendeu chamar à atenção para a dinâmica citadina em torno do espaço do Jardim do Carregal, um enclave de quietude circundado por um movimento constante. O projecto é composto por uma série de espelhos colocados nas árvores a diferentes inclinações. A imagem que neles vemos reflectida difere à medida que nos aproximamos - é o reflexo de uma realidade agitada fora do parque. Trazer alguma dessa movimentação ao parque através do despertar da curiosidade é o objectivo a que este

[15] Henri Lefebvre. (2008). *O direito à cidade*. São Pauli: Centauro Editora.

projecto se propõe, associando os espelhos entre si através de um conjunto de linhas visuais, relacionando-se uns com os outros, como se estivessem a observar todos os nossos movimentos. [16]

Estes acontecimentos em torno da sequóia geraram um outro ambiente, que antes nunca tinha sido explorado, no parque.

O jardim foi palco de várias intervenções e performances, que recebeu novos olhares por quem lá passava e principalmente criou uma relação do individuo com o lugar. As pessoas não ficavam indiferentes às intervenções que o próprio tronco da árvore sofria, fazendo perguntas, mostrando interesse em saber o que se estava a passar. [17] O envolvimento dos cidadãos neste processo fez com que se aproximassem, interagindo e participando num projecto que também é da comunidade.

À medida que vamos vivendo um espaço, onde existe interacção por parte dos seus usuários, este espaço vai-se transformando aos poucos num lugar. Tal como refere Yi-Fu Tuan, o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. [18]

Mary Miss, no seu projecto intitulado *Broadway: 1000 steps,* procura envolver o público com o debate da sustentabilidade urbana da sua cidade. A partir de vários espelhos espalhados pela avenida ela procura chamar atenção para a vasta rede de sistemas vitais para a criação de uma cidade sustentável.

Mary Miss, Broadway: 1000 steps, 2013

Neste caso, a estratégia de utilizar espelhos envolve o espectador, reflectindo a sua imagem no contexto, numa tentativa de tal como Mary Miss refere, de descodificar a construção da cidade sustentável.

No meu projecto dos *Reflexos Urbanos,* o modo como a envolvente se reflecte nos espelhos, e a tentativa de trazer essa dinâmica para o interior do parque, assim como a associação entre elementos estáticos e entre os próprios espelhos, foram as intenções principais do projecto.

[16] Para mais imagens deste projecto consultar o livro de projecto.

[17] Vários foram as intervenções em torno do Jardim do Carregal. Um outro projecto desenvolvido na relação do tronco da árvore com o depósito de memórias e partículas chama-se *Tree Skin* e pode ser consultado no meu livro de projecto.

[18] Yi-Fu Tuan. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel. p.83

O que para mim era um espaço que nunca me tinha despertado qualquer interesse, algumas semanas depois tornou-se num lugar bastante frequentado. O facto de começar a tentar perceber as dinâmicas daquele espaço, de permanecer nele, de começar a ver e reparar, fez com que me relacionasse com ele de uma forma mais envolvida. Mesmo depois do abate da árvore, o sentimento de pertença e a memória permanecem sólidas. Foi aquele lugar que recebeu os nossos projectos e foi nele que despertamos nas pessoas alguma inquietação.

Tuan ao falar dos lugares íntimos diz que estes "são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contacto. (…) Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem imensa satisfação". (Yi-Fu Tuan, 1983)

Conhecemos minimamente a nossa cidade e os seus lugares? Será que estamos a conseguir aproveitar as oportunidades que a cidade e os espaços nos oferecem? Pensemos então se realmente temos na cidade lugares que nos pertencem.

5. O habitar

O habitar do ser humano na cidade

O habitar ao longo do tempo veio sofrendo inúmeras alterações ao ponto de chegar a ser uma palavra quase banal, pois não é precisa e torna-se confusa em muitos aspectos.

De acordo com a conferência *Construir, Habitar, Pensar* de Martin Heidegger[19], parece que só é possível habitar aquilo que se constrói. Para a arquitectura, "habitar é uma voz esgotada"[20], pois o habitar esteve durante muito tempo associado à ideia de arquitectura, de espaço doméstico. Parece que o ser humano só habita quando está em sua casa. Como a palavra *habitat*, o habitar integra o meio ambiente onde o ser humano está inserido, seja o seu local de trabalho, a sua casa ou os restantes espaços que ocupa diariamente.

O ser humano desenvolve-se e aprende os valores fundamentais ao seu crescimento em sociedade. Ele reproduz e toma como certo esses valores e comportamentos dependendo da sociedade em que está inserido. Deste modo o ser humano auto-constrói-se, à medida que experiencia o espaço, as coisas, os outros, as sensações. Tuan, também refere que "a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender" (Yi-Fu Tuan, 1983)

Agora numa perspectiva arquitectónica, Bruno Zevi considera que as quatro paredes constituem o espaço e é a partir destas que se forma o vazio. Vazio esse que é ocupado pelo ser humano. [21]

Deste modo, a palavra espaço atribui um novo elemento ao lugar – o ser humano.

Isto leva-me a uma outra questão, será que o ser humano realmente habita os espaços em que está inserido? O ser humano habita a cidade? O que é isto de habitar o espaço publico?

---

[19] Esta dissertação não possuí nem espaço, nem fôlego para a dimensão do pensamento de Martin Heidegger cujo estudo ficará, por este motivo, por desenvolver.
Conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmastad", publicada em *Vortäge und Aufsätze,* G. Neske, Pfullingen, 1954. - *Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback*.

[20] Joaquin Bañón. "Habitar é um verbo vazio. Conjecturas sobre o hábito e a habitação" in Maria Milano*, Do habitar*.(2005). Matosinhos: Edições Esad. p.64

[21] Bruno Zevi. (1996) *Saber ver a arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes. p.20

Heidegger refere que "a verdadeira crise da habitação reside no facto de que os mortais continuam a procurar o ser da habitação e, afinal, do que precisam mais que tudo, é de aprender a habitar." (Heidegger, 1951) Ele identifica a crise no próprio ser devido à falta de proximidade que nós *coisas mortais* temos com as demais *coisas* que nos rodeiam. É através deste distanciamento com o que se passa na cidade para além de nós e das nossas *coisas* que se revê a crise do ser, que origina a crise do habitar.

Esta questão de habitar a cidade, surgiu enquanto observava uma praça na zona histórica do Porto. Os *Jardins Improváveis*, foi um projecto que foi desenvolvido em torno da Praça da Batalha em Dezembro de 2013, que despertou algumas inquietações acerca deste tema. Com este trabalho pretendi debater questões acerca do espaço e da relação que este tem com o os habitantes da cidade, e vice-versa. Um elemento sem qualquer finalidade estava inserido na praça e não tinha qualquer uso. Era uma fonte que estava desactivada pelo menos há quatro anos, pelo testemunho de comerciantes, e que não trazia nada de útil àquele espaço.

O projecto consistiu em revitalizar este elemento e de certo modo a Praça, com a implementação de um jardim efémero em papel, que fez com que as pessoas olhassem para aquele espaço com outra abordagem. A maioria das pessoas que por lá passam, passam inconscientemente, pois a dinâmica deste espaço é essencialmente feita de fluxos. Esta performance fez com a rotina visual que tinham acerca daquele espaço fosse alterada. O cinzento foi substituído por cores que transformaram a fonte. Convidei as pessoas a interagirem com o projecto, onde simultaneamente lhes explicava a intervenção e se desenvolviam algumas conversas.

O antes e o depois da intervenção de *Jardins Improváveis*, Dezembro 2013, Praça da Batalha, Porto

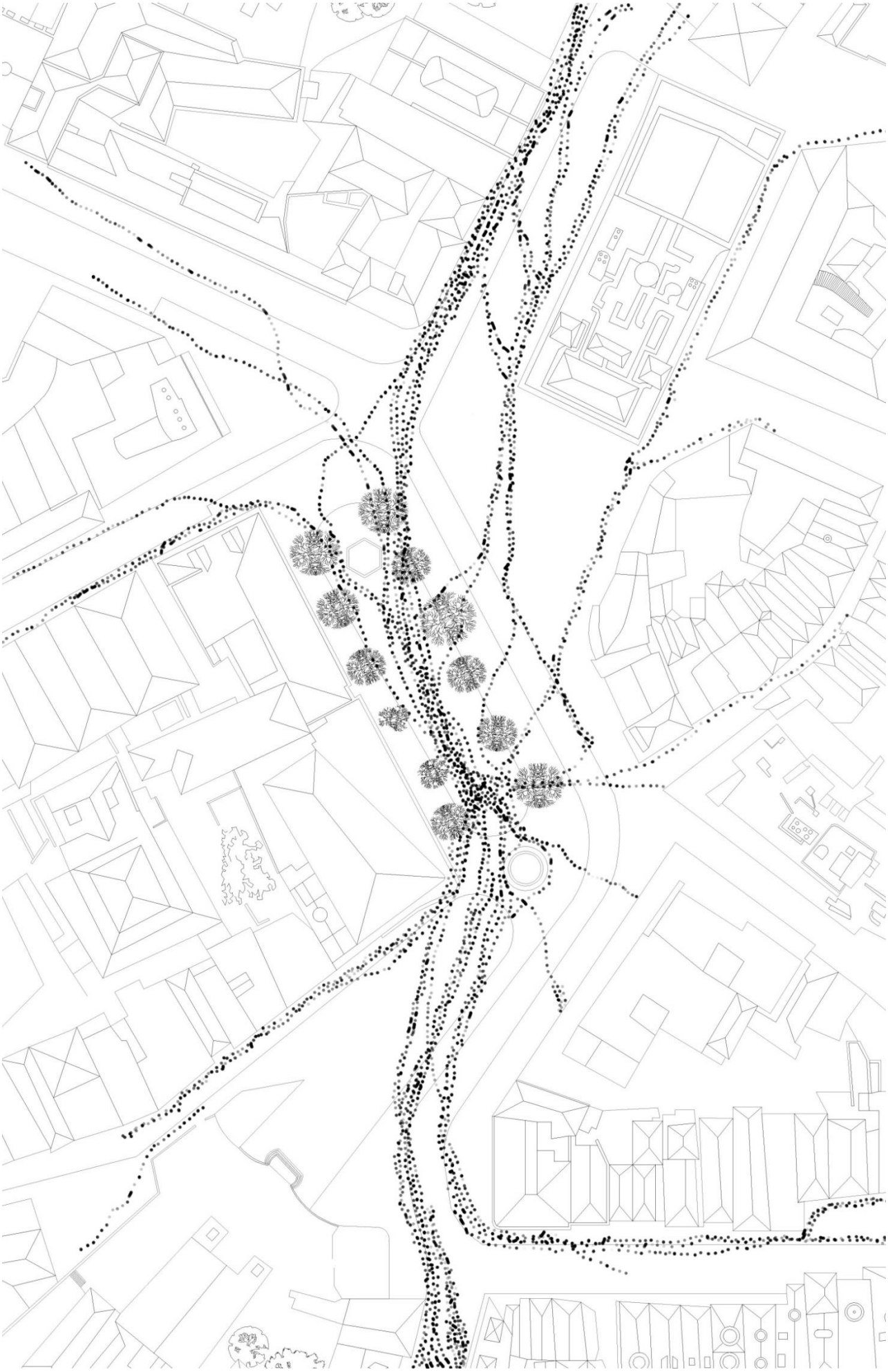
Uma das conversas com muitas das pessoas que por lá passaram

A praça é um espaço onde durante o dia se vêem imensas pessoas sentadas, pouco falam entre si, ficam a ver o "dia a passar". E isso inquietou-me. Porque o Porto tem muitos espaços agradáveis, onde se podem criar relações, e aquele espaço carece disso.

Penso que posso dizer que o ser humano não habita em pleno a cidade. Porque habitar implica conhecimento, usufruto, procura e vivência, mas principalmente uma relação profunda de identidade do lugar com o indivíduo. Este espaço da Batalha é principalmente utilizado como um espaço de fluxos, que liga diferentes pontos da cidade. De acordo com inquéritos realizados no centro da Praça a 70 pessoas em dois dias diferentes[22], concluiu-se que aquele espaço é um lugar de passagem, de rotinas, nomeadamente por estudantes e trabalhadores que vão apanhar a camioneta que liga o Porto a outras restantes cidades. Diferentes tipos de comércio e usos em redor da praça, fazem com que as pessoas passem por lá por diversos motivos, mas sem nunca olharem para a Praça como um lugar de pertença.

Com a resposta à questão *de onde vinham e para onde iam*, desenvolveu-se um mapa de fluxos, que comprova que os pontos de mais movimento são a Rua de Sta. Catarina e a Rua Augusto Rosa, onde se localiza a garagem de camionetas. Repara-se ainda que a Praça é um ponto difusor de pessoas para outros pontos, pois a maioria das pessoas costuma passar por lá diariamente, algo que já faz parte da sua rotina habitual.

[22] Os inquéritos foram realizados da parte da manhã a cidadãos portugueses, relacionando o género, a idade, de onde vinham e para onde iam e o seu propósito.
O gráfico pode ser consultado na secção de anexos.



Mapa de fluxos da praça da Batalha

"Hoje nem a cidade sem rastros e sem história nos habita, nem os homens que não sabem mais ver habitam a cidade. A alma dos lugares parece ter-se perdido para sempre. Reduzidos a locais moldados pelo hábito, com os seus habitantes conformados com traçados pré estabelecidos.[23]
(Nelson Peixoto, 1992)

Esta afirmação de Nelson Peixoto, conhecido pelo seu livro *Paisagens Urbanas*, retrata que a relação que nós temos com a cidade é essencialmente moldada "pelo hábito" - são as rotinas estabelecidas e adjacentes a espaços da cidade que nos relacionam com ela.

A cidade na qual estamos inseridos, os mesmos espaços, os mesmos percursos, a mesma hora, faz com que a imagem que tenhamos seja sempre a mesma.

O novo, chama-nos à atenção. Se percorrermos espaços diferentes, ou simplesmente alterarmos o nosso percurso vamos estar mais atentos, e vamos estar mais dispostos a olhar para as coisas e para reparar nelas.

O encontro da cidade com os homens dá-se quando estes percorrem terras desconhecidas ou quando se fazem estranhos na sua própria cidade.[24] Ir ao encontro do novo, de algo que nos surpreenda e que desperte diferentes sensações, fazer com que nos esqueçamos da rotina e construir um processo de descoberta, é o ponto de partida para o ser humano começar a habitar a cidade.

O flâneur, de origem francesa, é um adjectivo do verbo francês *flâner*, que significa, passear no sentido de ver o tempo a passar. Embora tenha sido um conceito também trabalhado por Walter Benjamin, foi Charles-Pierre Baudelaire quem criou essa definição e escreveu sobre o assunto.

Penso que as palavras que melhor definem o modo de vida do *flâneur* são o caminhar, a observação e a não preocupação com o tempo. A paixão do *flanêur* pela cidade e pela multidão deve-se ao facto de ele se entusiasmar e de se deixar levar pela leitura observada da cidade e dos seus habitantes, que lhe vão demonstrando através dos seus movimentos o sentido da vida urbana.

---

[23]Nelson Peixoto & Sergio Paulo Rouanet. *É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?* Revista USP (São Paulo). Nº15, p.72, Set-Nov 1992

[24]Nelson Peixoto cita Walter Benjamin . (2006). *Passagens* . Belo Horizonte: Editora UMGF.

O *flâneur* é um conceito explorado pelo poeta Charles-Pierre Baudelaire onde no seu ensaio *Le Peintre de La Vie Moderna*, o autor idealiza a personagem *Sr. G*., que deambula pela cidade sem restrições territoriais. Para Baudelaire o Sr.G era o *homem do mundo porque* o compreende e sabe as razões misteriosas e legitimas de todos os seus costumes. A curiosidade pode ser considerada o ponto de partida para o seu génio. A multidão é o seu universo e a sua profissão é *despojar a multidão.* Para este observador apaixonado é um prazer andar no numeroso, no movimento. A personagem sente-se em casa no meio da multidão, gosta de ver o mundo, de estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, como se estivesse camuflado.

Para entender melhor este conceito, recorri ao artigo *O último suspiro do flâneur, de* Rodrigo Saturnino[25]. Para o poeta, o *flâneur* através do acto de deambular como um vagabundo errante era um exercício de contemplação artística. Nas suas divagações poéticas, os "passeios de Sr. G. serviam de fonte para alimentar a sua memória. Perdido na multidão, aproveitava para olhar sem julgamento e construir (…) a própria ordenação do mundo". O poeta criou esta personagem numa tentativa de harmonizar e transformar as informações que eram recolhidas em "novas formas poéticas de interpretação da realidade".

O devaneio era a reflexão do *flâneur*. Para Baudelaire, apenas este conseguiria, no interior das suas inquietações e da confusão da cidade, "preservar na memória as imagens da subjectividade experienciada durante as deambulações que realizava. Baudelaire acreditava que a modernidade afastava o lugar acolhedor que a cidade aos poucos constituía. No lugar de conforto, a cidade ia-se transformando num espaço de indiferença e hostilidade"

[25]Rodrigo Saturnino. (s.d.). *O último suspiro do flâneur*. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf, 7 de Outubro de 2016

6. A cidade do porto

Procurei até aqui apresentar e debater alguns dos temas que me suscitaram alguma inquietude ao longo dos últimos tempos, e agora chegou o momento de aprofundar mais a minha experiência enquanto transeunte da cidade do Porto, experiência que originou o projecto principal da dissertação e que vou agora apresentar. A teoria da deriva de Guy Debord, assim como o caminhar enquanto prática estética de Frascesco Careri, irão novamente ser abordados, uma vez que tais teorias foram importantes para o desenvolvimento dos projectos.

A teoria da deriva, já referida anteriormente, pretende transformar a cidade e conhecê-la através de diferentes processos e caminhos, para o desenvolvimento de um espaço onde todos somos agentes construtores. [26]

O caminhar permite entrelaçar a cidade com os nossos sentidos. Francesco Careri cita Robert Smitson em *Walkscapes* dizendo que "o caminhar condiciona a vista, e a vista condiciona o caminhar a tal ponto que parece que apenas os pés podem ver." (p.110)

São os nossos passos que constroem o espaço, pois é com eles que percorremos as ruas, são eles que nos levam por caminhos espontâneos, podemos dizer que por vezes são eles os definidores do percurso.

"Três passos, e minhas pernas
já estão pensando".
Paulo Leminski

Pelos percursos que faço pelo Porto, no meio das correrias dos meus afazeres, tento captar a máxima informação visual possível. A uma determinada altura chamou-me a atenção as fachadas de azulejos. Mais propriamente, a falta de azulejos que as fachadas carecem. Foi então que esta observação mais tarde se transformou em projecto.

[26] Todos somos agentes construtores na medida em que o espaço só ganha forma depois de ser *experienciado e* ocupado. Cabe a nós usufruirmos destes espaços públicos de acordo com a nossa condição. A cidade também é feita para o proveito do ser humano, e deste modo também ele se deve preocupar com a sua existência. A personalidade da cidade é feita juntamente com os seus habitantes, deste jeito todos nós somos agentes construtores.

Rua Padre António Vieira, Porto

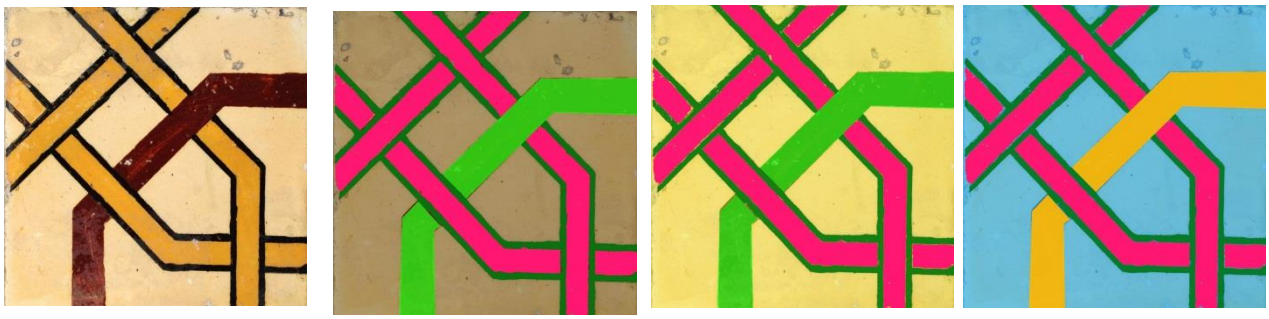
O revestimento azulejar português é considerado património nacional e é reconhecido internacionalmente como uma arte secular, afirmando-se até como uma das atracções turísticas da nossa cidade. Sendo assim, aos poucos fiquei mais atenta a estes pequenos detalhes e a fazer o seu registo.

Com todas as informações que recolho[27], faço novos "azulejos" para colocar nos espaços vazios das fachadas. Este "azulejo" não é de cerâmica, o seu suporte é em madeira, primeiro para diferenciar o material do existente, e depois também porque é necessário fazer cortes específicos para encaixar com os que estão na fachada. Inicialmente outros dos motivos que me levou a escolher a madeira foi o facto de não serem produzidas com regularidade peças cerâmicas com as dimensões da típica azulejaria portuguesa. [28]

Durante os percursos que faço se vir uma fachada interessante onde posso intervir, faço todos os registos necessários para futura intervenção. Posteriormente altero as cores do padrão em *photoshop*, imprimo em papel 80gr, colo na madeira e finalizo com um acabamento em acrílico. Um processo bastante simples e seriado. A alteração da cor é propositada para se diferenciar do azulejo original e não existe nenhum principio para a escolha das cores. Estas apenas têm de contrastar com as do azulejo original e são feitos vários testes para a escolha das cores finais.

[27] As informações que recolho são essencialmente fotográficas. Primeiro é fotografado o padrão, as medidas são tiradas com uma fita-métrica, mas quando não a tenho, o cartão dos transportes públicos serve de referência de escala. Depois fotografo os azulejos partidos, assim como toda a fachada. Pode-se ver em anexo as fotografias do registo para uma futura intervenção na Rua da Circunvalação/Rua do Monte dos Burgos, Porto.

[28] As dimensões *standard* de revestimento cerâmico encontradas no mercado são de 15cm x 15cm / 20cm x 20cm. E a maioria dos azulejos típicos portugueses tem 14cm x 14xm.



Original

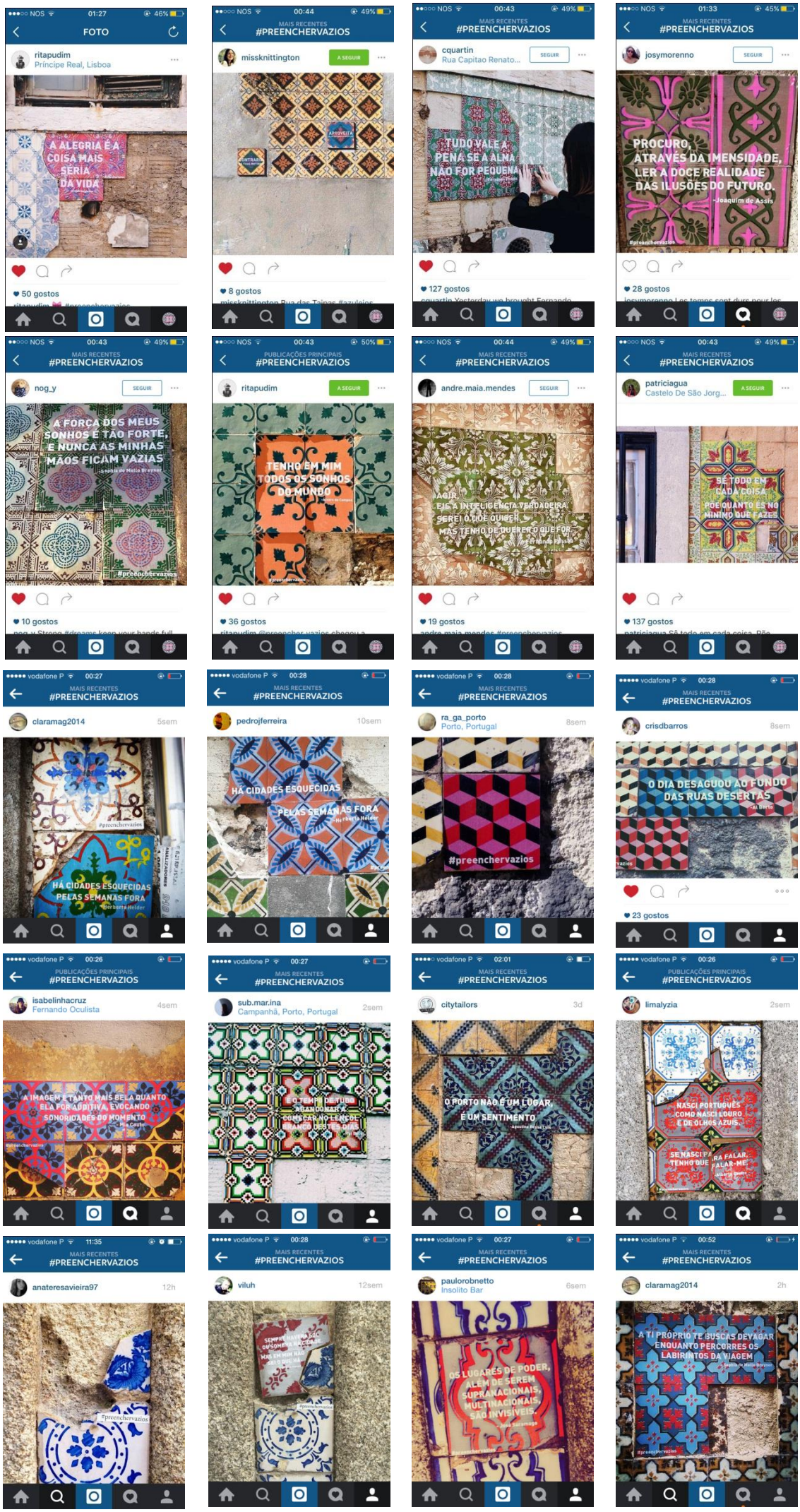
Experiências de cores

Sendo uma intervenção efémera, não se consegue determinar a sua durabilidade. Algumas já estão colocadas há mais de um ano, sujeitas à intempérie, mas sempre bem fixadas à fachada. Até ao momento já foram colocados cerca de 135 "azulejos" entre Porto, Braga, e Lisboa, num total de 30 intervenções. [29]

Todas as intervenções do Porto estão mapeadas num folheto ilustrativo que se encontra anexado no livro de projecto sendo uma forma de identificar os locais por onde passei e intervi. É um convite a percorrer as ruas do Porto, a estar atento aos pequenos detalhes e a descobrir a nossa cidade, como se nos tornássemos turistas na nossa própria cidade.

Cada intervenção tem um azulejo com a *hashtag* *#preenchervazios* para a partilha das fotografias nas redes sociais. É também a partir desta partilha que consigo acompanhar o estado da intervenção.

[29] Para melhor se perceber todo o processo, aconselho a visualizarem o vídeo do projecto que se encontra em CD no livro de projecto, ou podem consultá-lo através do *link www.vimeo.com/141410820.*



Fotografias partilhadas no *instagram* pelos transeuntes

Folheto ilustrativo do projecto

Mapeamento das intervenções do *Preencher Vazios* no Porto

Esquerda: padrão original
Direita: padrão com cor alterada

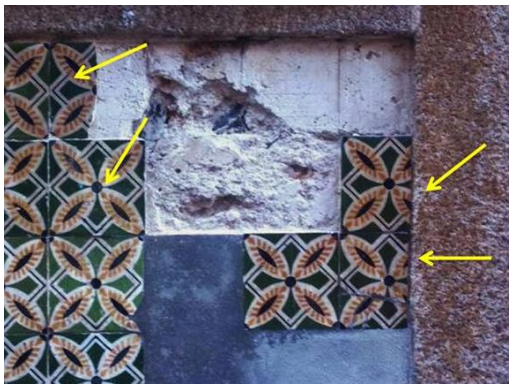
Dezembro 2015

Março 2016

Estas intervenções comtemplam excertos de poesia ou simples frases de autores portugueses. A escolha destas frases é feita a partir das leituras que faço, frases que falem sobre o tempo e o espaço, ou mesmo algumas que nos façam pensar sobre alguns dos nossos comportamentos.

A intervenção em Cedofeita, *"O Porto não é um lugar, é um sentimento*" foi das que mais me surpreendeu. Ela foi colocada numa rua muito movimentada do Porto, está ao nível do olhar e conseguiu resistir durante 6 meses. Talvez porque a mensagem seja bastante forte e muita gente se identificou com ela. A frase aguentou inteira durante muito tempo, só em Julho de 2016 é que comecei a aperceber-me pelas fotografias das alterações que iam acontecendo, não só na minha intervenção, mas também nos azulejos circundantes. Numa das fotografias (instagram: @anarocha92) que encontrei nas redes sociais vê-se que um dos frisos desapareceu, possivelmente furtado.

A situação repetiu-se também na Rua de Trás. Uma semana depois de ter fotografado a fachada, quando ia colar os "azulejos" reparei que já faltavam alguns originais.



Rua de Trás, Porto

O projecto SOS Azulejo, de iniciativa e coordenação do Museu de Polícia Judiciária, nasceu em 2007 da necessidade imperiosa de combater a grave lacuna na protecção do património azulejar português que se verifica actualmente, de modo crescente e alarmante, por furto, vandalismo e incúria. Desde o ano de da sua criação até ao ano de 2013 o furto de azulejos tem vindo a diminuir drasticamente.

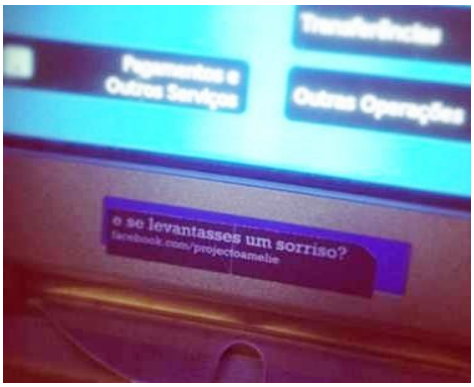
Depois de andar a intervir pelo Norte, comecei a fazer algumas intervenções por Lisboa, visto que é outra cidade que sofre do mesmo problema.

Em conversa pela página do *facebook* com uma rapariga que se mostrou receptiva ao projecto, e que gostaria de o ver pela sua cidade, propus-lhe que ela fosse a minha *partner* em Lisboa. Ela envia-me as fotografias das fachadas, padrões e medidas, e eu envio-lhe por correio os "azulejos" em madeira. Até à data de redação desta dissertação, o projecto Preencher Vazios conta com seis intervenções em Lisboa.

Rua Eduardo Coelho, Lisboa

Todos os anos os *Prémios SOS Azulejo* distinguem os projectos que reconheçam, valorizem, e impulsionem acções de protecção e valorização do património azulejar português. Em Maio, o projecto *Preencher Vazios* foi distinguido com uma menção honrosa na categoria de Arte Urbana na entrega dos *Prémios SOS Azulejo* referente a projectos realizados no ano de 2015.

Um projecto que desde cedo me fascinou é o Projecto *Amelie* (2011), de Martim Dornellas, que actua sobre os não-lugares, onde inesperadamente, por breves instantes, troca palavras com os seus usuários. O poder do afecto, mesmo que seja abstracto e anónimo, e o modo de como as palavras têm impacto nas relações, faz com que as pessoas pensem nas simples coisas da vida. Como diz o autor do projecto, são "pequenas acções que tenham como objectivo mudar o mundo, ou os pequenos mundos em que vivemos. São acções desinteressadas, que façam alguém sorrir, sentir-se melhor, emocionar-se. Qualquer coisa que mude o dia-a-dia de algumas (mas basta uma) pessoas" [30]



Martim Dornellas, *Projeto Amelie*, Lisboa

[30] Descrição sobre o projecto presente no *Tumblr* do Projecto Amelie. Disponivel em http://projectoamelie.tumblr.com, 19 Junho 2016.

No decorrer do meu projecto fui encontrando alguns trabalhos que se assemelham com o meu e descobri um projecto idêntico, chamado de *Azulejos de papel*, começado em 2008 pela *Poro*, um colectivo de intervenções urbanas e acções efémeras do Brasil. Este projecto consiste em colocar azulejos de papel em casas abandonadas, e que por serem de papel passam a sofrer a acção do tempo, assim como as paredes que recebem a intervenção.

Poro, Floresta, Belo Horizonte, 2009

Visto que não se consegue calcular a duração das intervenções em espaço público, é com alguma expectativa que observo o que o tempo provoca nas minhas intervenções. Quer seja o tempo relacionado com as acções da intempérie, ou mesmo a acção do ser humano. O papel começa a enrugar, a levantar dos lados, a acumular alguma sujidade, alguns curiosos rasgam-no, outros completam o poema, até que um dia, desaparecem.

Setembro 2015

Maio 2015, fotografia de @marina_ricardo7

É bem visível em muitas fachadas portuguesas a falta de azulejos. Muitos deles desaparecem com o passar do tempo, mas na maioria dos casos pensa-se que é devido ao furto. Estes dados são incertos, porque poucos casos são participados à Polícia Judiciária. É preciso combater este problema, uma das opções é não os comprar onde se encontram à venda. Óscar Pinto, coordenador da brigada da PSP de Lisboa, em um artigo recente publicado no diário Público[31] refere que houve um aumento do furto de azulejos em grandes quantidades, nomeadamente em azulejos de padrão, mas que nem todos os casos são denunciados.

Junho 2015

Abril 2015, fotografia de @marina_ricardo7

[31] Maria Soares, *Câmaras reforçam protecção dos azulejos, mas furtos estão a aumentar*. Público. 19 de Abril. Recomenda-se a leitura do artigo completo. Disponibilizado em anexo.

O problema é que os azulejos vendidos na feira da ladra, por exemplo, ou mesmo em pequenas lojas, é impossível saber ao certo a origem. É então preciso combater a venda através da sensibilização, sendo necessário que exista uma legislação direccionada a esta questão, tanto para quem compra, quem vende como em casos de demolições de fachadas com azulejos.

Em Maio deste ano, estive presente no Festival de Educação Patrimonial - *Aproxima-te-*, dirigido a famílias e crianças, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, em Lisboa. O festival tem por objectivo estabelecer uma ponte entre as crianças, os jovens e o património cultural português. Não somente à construção desta relação mas, também, à sua sustentabilidade futura: interessa que esta perdure, que seja regular e que seja partilhada.

Neste festival realizei oficinas direccionadas a crianças, onde lhes explicava por simples palavras que os azulejos portugueses são uma arte muita antiga e fazem parte da história do nosso país, por isso têm de ser preservados e que não podem ser roubados.

Festival *Aproxima-te*, Maio 2016

Voltando à minha cidade, o Porto nos últimos anos cresceu consideravelmente no sector da cultura. O Porto conta-nos a história de uma cidade, onde algumas zonas foram classificadas pela UNESCO como Património Arquitectónico Mundial na qual ressalta à vista a quantidade de espaços que podemos aproveitar.

Mas nós, os cidadãos do Porto, talvez não o conheçamos tão bem quanto desejaríamos. Costumo dizer que os turistas "conhecem melhor a nossa cidade" do que nós próprios. Eles exploram a cidade por todos os cantos, vão à procura daquilo que não é visível e tiram partido daquilo que a cidade nos/lhes oferece.

O Porto convida-nos a ficar. O programa para aproveitarmos um pouco do nosso tempo é variadíssimo. É sim preciso gerir esse tempo com os nossos compromissos, porque programas para fazer não nos faltam. São diversos os eventos a acontecer em parceria com a Porto Lazer, uma das principais responsáveis pelo sector cultural da cidade do Porto. No entanto, o principal responsável pelo crescimento repentino da cidade do Porto nestes últimos anos é o turismo. Já ouvimos dizer que as cidades cada vez mais são feitas para os turistas. Mas é preciso não nos esquecermos daqueles que nela vivem, pois a identidade da cidade é feita da genuídade das pessoas e dos valores que lhe pertencem.

André Alves, colunista do *Observador,* refere que o "crescimento do turismo tem sido particularmente visível e importante no Porto. Para uma cidade e uma região que têm vindo ao longo das últimas décadas a perder vigor económico e a marcar passo na maioria das áreas relevantes, o sucesso turístico só pode ser visto como uma boa notícia". [32]

Ricardo Bak Gordon, arquitecto, considera importante que os turistas nos visitem e que gostem de nós, mas alerta para os perigos da perda de identidade por querer agradar tanto aos visitantes. [33] Mas é também necessário estabelecer uma conexão para com os cidadãos para que estes não se sintam alienados, mas que façam parte da própria cidade. Sentir que eles são a *pele do Porto.* [34]

Então a questão é saber estabilizar a relação entre os turistas e os moradores da própria cidade. Viver no centro histórico da Cidade torna-se complicado. Se as coisas continuam a seguir o mesmo rumo, daqui a uns anos a maioria dos edifícios estarão avassalados pelo *Airbnb* e alugados apenas a turistas. Os *McDonald's* vão substituindo as pequenas tascas e os aromas que perduram na rua. É muito fácil perdemo-nos com a rapidez com que o turismo se desenvolve, e os negócios tradicionais, vão sendo substituídos pelas lojas de conveniência. Quando o comércio de proximidade se começa apenas a dirigir aos turistas, está-se apenas a valorizar o turismo e a negar a ideia de moradores. É preciso que continue a existir uma cidade com quotidiano, com famílias e com crianças a brincar nos espaços públicos.

É uma realidade que o turismo fez crescer o Porto, mas quero continuar a senti-lo com os seus jeitos, com as suas pessoas e com a sua identidade tão peculiar.

---

[32] André Alves. *O sucesso do turismo no Porto, a iniciativa privada e os artistas.* Jornal online *Observador,* 17 Janeiro 2015.

[33] Ricardo Bak Gordan. *As cidades não são feitas apenas para os* turistas. Entrevista ao Jornal Económico, 10 de Junho de 2015.

[34] Rui Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Porto, na sua página do *facebook,* coloca retratos de pessoas comuns do Porto, chamando-lhes a *pele do Porto*.

7. Considerações finais

Vive sem horas. Quanto mede pesa,
E quanto pensas mede.
Num fluido incerto nexo, como o rio
Cujas ondas são ele,
Assim teus dias vê, e se te vires
Passar, como a outrem, cala [35]

(Ricardo Reis, 1932)

Rua Capitão Renato Baptista, Lisboa, Junho 2016

De acordo com a minha análise a este poema de Fernando Pessoa, no heterónimo de Ricardo Reis, ele diz-nos que a medida certa para a tranquilidade encontra-se no desrespeito pelas tradições comuns do dia-a-dia. Diz-nos para nos esquecermos das horas, para esquecermos a rotina.

O tempo foi a "peça principal" do filme *Boyhood* de Richard Linklater, que demorou quatorze anos a ser terminado. Como o filme, que não tinha data ao certo para ser terminado, acho que não nos devemos preocupar tanto com o tempo que temos, ou com o que não temos. É este o meu ponto de vista, acho que lhe damos demasiada importância, devemos é de aproveitar as pequenas coisas que a vida nos proporciona, apenas.

O tempo está muito presente neste trabalho, desde a parte da escrita que foi muito condicionada com o "meu tempo" e principalmente no projecto *Preencher Vazios,* onde é o tempo que dita a sua permanência e resistência no espaço público.

Assim como o tempo, o acto de caminhar foi bastante importante para a realização deste trabalho. Não nos basta simplesmente caminhar, temos também de apreciar o tempo para o qual nos predispusemos para a acumulação de sensações e percepções, algumas incomunicáveis, mas que no entanto são condensadas no nosso corpo enquanto apreensão da cidade percorrida. Foi ao longo do trabalho, que *aprendi a caminhar.* Aprendi que ao ver enquanto caminho estou inconscientemente a pensar. Ver e pensar são dois processos inteiramente relacionados, na medida em que se completam mutuamente.

[35] Fernando Pessoa. (1994). *Odes de Ricardo Reis*. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática. p.146

Francesco Carreri refere em *Walkscapes* que a "cidade é um jogo a ser utilizado para o próprio aprazimento, um espaço para ser vivido colectivamente e onde experimentar comportamentos alternativos, onde *perder o tempo útil* para transformá-lo em tempo lúdico-construtivo." (p.98)

O processo da realização deste trabalho passou muito por aí, deixar que o meu *tempo útil* fosse transformado num tempo lúdico, e principalmente num tempo que me deixou ir à descoberta, ao encontro das coisas invisíveis.

Os projectos desenvolvidos ao longo deste mestrado pretenderam principalmente desconstruir a rotina visual das pessoas na cidade, reflectir sobre questões inerentes à cidade, das relações das pessoas com o espaço e com o tempo. As intervenções que foram desenvolvidas na cidade do Porto, pretendem surpreender os transeuntes e levantar novas questões. Ao serem olhadas, é assim que elas cumprem o objectivo a que foram propostas. Sendo assim, arte só ganha forma na medida em que existe um observador, quer a participar, a criticar, ou simplesmente a olhar.

Yi-Fu Tuan diz-nos que o lugar pode ser entendido como "uma pausa no movimento" e que a "a permanência é um elemento importante da ideia de lugar". (p.153/155)

Estas afirmações foram bastantes relevantes para o desenvolvimento acerca da minha ideia de lugar. Permaneci em vários espaços na cidade, mas que ao longo do trabalho se foram transformando em lugares, *lugares íntimos.* Lugares que são meus, que são reconfortantes. Lugares que ficam "gravados no mais profundo da memória e cada vez que são lembrados, produzem imensa satisfação". (p.156)

Este trabalho prosseguiu em torno de vários temas inerentes à cidade: os lugares, o caminhar, a nossa permanência na cidade, a relação que nós temos com a cidade e a apreensão que temos a partir da sua experiência. Foi crucial e bastante gratificante apreender a percorrer a cidade, mas principalmente a cidade que *está invisível*.

Termino este trabalho bastante contente com o resultado dos objectivos a que me propus.

Foi sem dúvida um trabalho rico em experiências, sensações e pessoas.

Sobre o futuro

Embora o *Preencher Vazios* tenha surgido como um projecto de tese pretendo dar-lhe continuidade, espalhá-lo por novas cidades e dar-lhe novas formas.
Foi realmente importante para a concretização desta dissertação, aliás foi um dos principais agentes motivadores, reproduzindo em mim emoções e experiências que nunca tinha vivido.
Pretendo no futuro trabalhar em conjunto com a área da reabilitação urbana de edifícios, onde as minhas intervenções efémeras em madeira passarão a ser de carácter permanente e em impressão em cerâmica.[36]

Como diz Italo Calvino "basta o olhar, a resposta, o aceno de alguém, basta que alguém faça qualquer coisa só pelo prazer em fazê-la, e para que o seu prazer se torne o prazer dos outros: nesse momento mudam todos os espaços, as alturas as distâncias, a cidade transfigura-se, torna-se cristalina, transparente como uma libélula".[37]

São os pequenos detalhes que fazem de mim uma pessoa atenta na cidade, que se deixa seduzir pelo encontro, pelo tempo lento e pelo silêncio misterioso das coisas que me rodeiam.

[36] A impressão em cerâmica já foi testada.

[37] Italo Calvino. (2009). *As cidades invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema. p.165

9. *Anexos*

*Clipping*s de imprensa

Gráfico crescimento do uso automóvel
Inquéritos Praça da Batalha
Registo fotográfico para futura intervenção
Artigo sobre furto de azulejos, Jornal *O Público*

Agosto 2015 Galeria no P3
London Street Art Magazine (online)
Jornal Porto 24

Setembro 2015 TimeOut Porto
Encontros da Imagem, Braga
Programa *Grandes Manhãs*, Porto Canal

Novembro 2015 *Concreta* - Feira de Reabilitação, Construção, Arquitectura e Design
Exponor, Matosinhos
Reportagem no Programa *Fala Portugal*, TV Record

Dezembro 2015 Reportagem Programa *Literatura Aqui*, RTP2

Janeiro 2016 Jornal de Notícias
Reportagem Dica da Semana, Lidl
Programa *Portugal 3.0*, RTP2

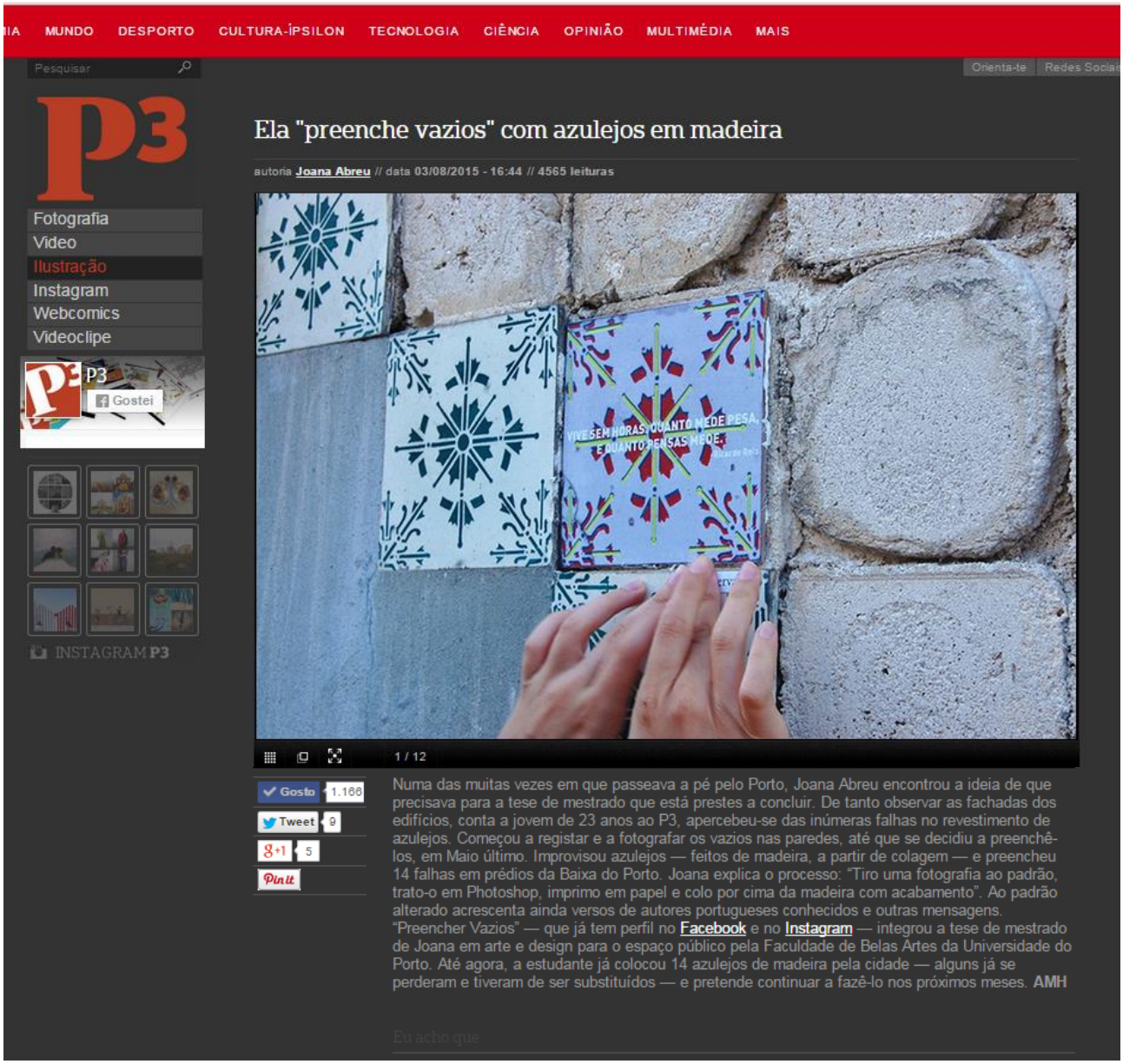
Maio 2016 Participação no *Festival Aproxima-te* - Educação Patrimonial – Lisboa
Prémios SOS Azulejo 2015 - Menção Honrosa na categoria de Arte Urbana
TimeOut Lisboa

Junho 2016 Reportagem com a France 3, Lisboa
Programa *Olá Maria!*, Porto Canal

Agosto 2016 Melancia Mag

Setembro 2016 Timeout Porto

GALERIA ONLINE DO P3
http://p3.publico.pt/cultura/exposicoes/17679/ela-preenche-vazios-com-azulejos-em-madeira



IA MUNDO DESPORTO CULTURA-ÍPSILON TECNOLOGIA CIÊNCIA OPINIÃO MULTIMÉDIA MAIS

Pesquisar

Orienta-te Redes Sociais

P3

Fotografia
Video
Ilustração
Instagram
Webcomics
Videoclipe

P3 Gostei

INSTAGRAM P3

Ela "preenche vazios" com azulejos em madeira

autoria Joana Abreu // data 03/08/2015 - 16:44 // 4565 leituras

1 / 12

Gosto 1.166
Tweet 9
g+1 5
Pin it

Numa das muitas vezes em que passeava a pé pelo Porto, Joana Abreu encontrou a ideia de que precisava para a tese de mestrado que está prestes a concluir. De tanto observar as fachadas dos edifícios, conta a jovem de 23 anos ao P3, apercebeu-se das inúmeras falhas no revestimento de azulejos. Começou a registar e a fotografar os vazios nas paredes, até que se decidiu a preenchê-los, em Maio último. Improvisou azulejos — feitos de madeira, a partir de colagem — e preencheu 14 falhas em prédios da Baixa do Porto. Joana explica o processo: "Tiro uma fotografia ao padrão, trato-o em Photoshop, imprimo em papel e colo por cima da madeira com acabamento". Ao padrão alterado acrescenta ainda versos de autores portugueses conhecidos e outras mensagens. "Preencher Vazios" — que já tem perfil no Facebook e no Instagram — integrou a tese de mestrado de Joana em arte e design para o espaço público pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Até agora, a estudante já colocou 14 azulejos de madeira pela cidade — alguns já se perderam e tiveram de ser substituídos — e pretende continuar a fazê-lo nos próximos meses. AMH

Eu acho que

Revista *TIME OUT PORTO*
Número 66 / Setembro 2015, pág. 49
Martinho, Maria. *Made in Porto*. Time Out Porto. Porto, Setembro de 2015. Nº66, p.49.

MADE IN PORTO

Lembra-se do Porticipa da edição de Agosto? Pois bem, encontrámos a autora dos azulejos com frases optimistas espalhados pela cidade. Chama-se Joana Abreu e está a concluir o mestrado em arte e design para o espaço público. A jovem reparou na falta de azulejos em algumas fachadas e decidiu preencher esses espaços vazios. Como? Fotografa o padrão, altera-o no Photoshop, acrescenta mensagens da sua autoria ou versos de Al Berto, Rui Belo, Ricardo Reis ou Eugénio de Andrade, e cola tudo em madeira. Para conhecer melhor o projecto vá a *www.facebook.com/preenchervazios*.

À CUSCA

STCP OFERECE PIADAS QUANDO NÃO HÁ INTERNET

Toda a gente sabe que os autocarros da STCP que circulam na zona do Porto têm wi-fi gratuito desde o ano passado. O que nem todos imaginam é que quando esse serviço está indisponível, ainda que temporariamente, há uma alternativa: anedotas. No ecrã lê-se um rol de piadas (secas). Eis alguns exemplos: "Sabem o que faz um elefante na internet? Boqueia o sistema", ou "O automóvel nunca substituirá o cavalo. Autor: égua".

STCP Free WiFi

O serviço wifi está temporariamente indisponível neste local e deverá ser reposto brevemente.

Enquanto espera... E que tal umas anedotas?

Acha que sabe estacionar?

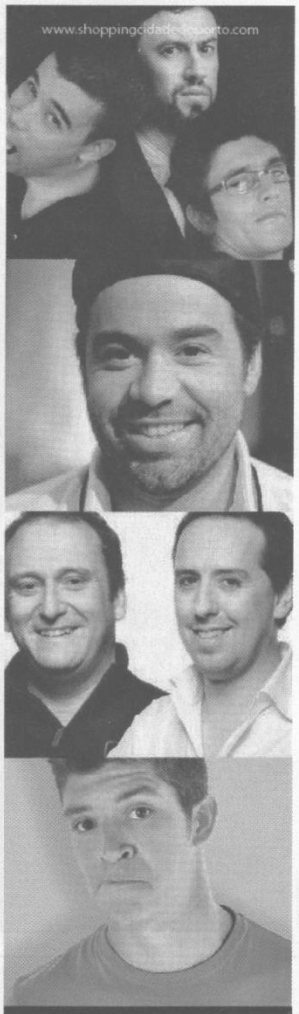
GRAU DE ORIGINALIDADE ★★★☆☆
GRAU DE DIFICULDADE ★★☆☆☆
NOTA FINAL ★★★☆☆

À noite todos os gatos são pardos mas os carros não, e mesmo em ambiente nocturno este estacionamento não escapou ao nosso olho clínico. O condutor deste veículo ocupou um largo passeio e deu nas vistas. Nota positiva? Deixou passar o autocarro. Se encontrar pérolas como esta envie a prova para **porto@timeout.pt**.

GRAU DE ORIGINALIDADE ★★★☆☆
GRAU DE DIFICULDADE ★☆☆☆☆
NOTA FINAL ★★☆☆☆

Um polícia não saber o que significa esta marca rodoviária é o mesmo que o Cristiano Ronaldo não saber o que é uma bola. Esta raia oblíqua impede qualquer um de estacionar em cima dela. Até a autoridade.

www.shoppingcidadedoporto.com



Espetáculos Gratuitos
Comédia no Shopping Cidade do Porto

Sextas-feiras às 21H30 no Auditório

18 de Setembro:
Hugo Rosa
Diogo Faro
Juan Pereira

16 de Outubro:
Luís Filipe Borges

13 de Novembro:
Eduardo Madeira
Manuel Marques

11 de Dezembro
Pedro Soares

Auditório Shopping Cidade do Porto
Piso 2, Limitado ao nº de lugares (270)

SHOPPING CIDADE DO PORTO

REVISTA ONLINE *LSD MAGAZINE*
Agosto 2015
http://londonstreetartdesign.co.uk/joana-abreu-portugal

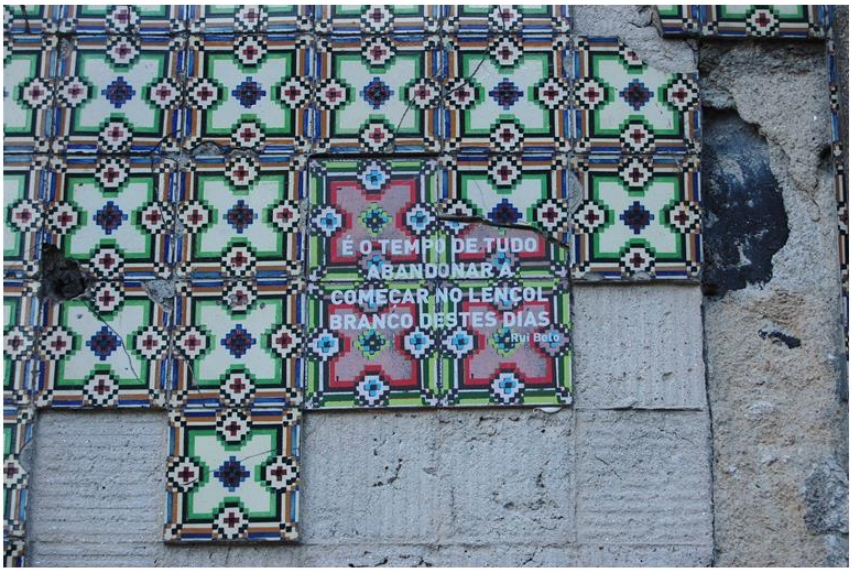
About | Magazine » | Archived Interviews | Special Features » | Supported Projects » | Contact | Shop »

LSD MAGAZINE
STREET ART GRAFFITI – MUSIC – LIFE

JOANA ABREU – PORTUGAL

Home / Blog / Global / Installations / Portugal / Randoms / Street Art / Joana Abreu – Portugal

Standard by Team Admin August 10, 2015 No Comments



Joana Abreu presents "Preencher Vazios / Fill Empty"

This project was born in order to fill in the blanks of the facades of houses and buildings of my city. Portuguese tile facades is considered national heritage and is internationally recognized as a secular art, even as one of the tourist attractions of our city. The project aims to draw attention to these small details that surround us daily, and surprise passersby with something that they were not inhabited the view during your route, giving little messages of the Portuguese's poets that lead us to reflect on our routines and behaviors. This is an Invitation to go to discovery of City Streets , to choose different paths and go to discovery , something like become a tourist in our own city. Joana Abreu

NEXT
Beams Art Festival in September

PREVIOUS
Valentina Sforzini – Malta Street Art Festival 2015

NEWSLETTER

First Name:
Your first name
Last Name:
Your last name
Email address:
Your email address
SIGN UP

FACEBOOK

LSD (Londo...
316k likes
Liked
You and 13 other friends like this

LSD MAGAZINE SHOP

Genesis'88 Acid House T-Shirt
£32.00

GLOBAL EVENTS

INDEXUS BY ADOR & SEMOR

Jornal *PORTO24*,
Freitas, Simão. *Azulejos contra rotina*. Porto24. Porto, 14 de Agosto de 2015. Nº13, p.18.

PORTO | JOANA ABREU COLA AZULEJOS DE MADEIRA COM POESIA ONDE O CERÂMICO SE FOI

Azulejos contra a rotina

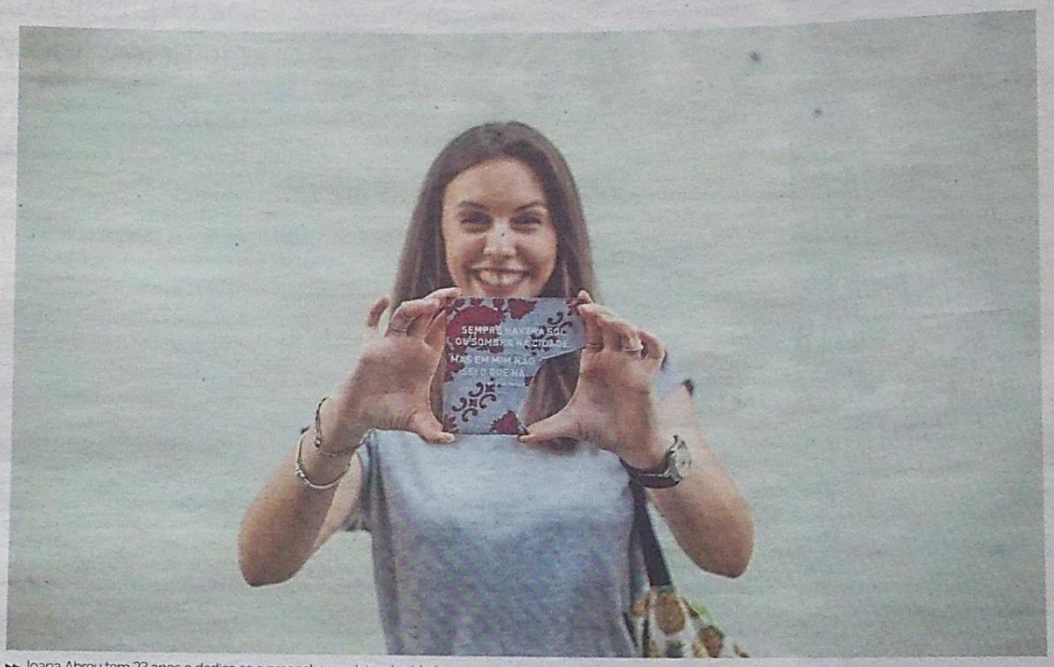
Instalação artística coloca poetas onde antes havia vazio deixado pelos azulejos em falta

Frases instigam os transeuntes a quebrar a rotina e fazer loucuras, um conselho pessoal da autora

SIMÃO FREITAS (Texto)
MIGUEL OLIVEIRA (Foto)

Já reparou que pela baixa do Porto há fachadas, sobretudo as dos prédios mais antigos, que exibem alguns azulejos diferentes, com mensagens? Pois é, onde o tempo – ou o vandalismo – fez das suas, Joana Abreu, de 23 anos, repõe o aspeto (quase) original das paredes revestidas a cerâmico. Para turista e portuense ver, com criatividade e engenho. São azulejos de madeira que respeitam o padrão dos que se encontram à volta, esses sim verdadeiros e antigos, mas que se distinguem por serem de cores diferentes e de no seu conjunto servirem de tela a mensagens de poetas portugueses, de Alberto Caeiro a Herberto Hélder. Tapam os espaços deixados vazios por azulejos que se partiram ou que foram arrancados e veem-se um pouco por toda a cidade. Joana é a responsável pelo projeto "Preencher Vazios", que arrancou em outubro de 2014 e começa, agora, a ter uma visibilidade crescente depois do lançamento de contas nas redes sociais Facebook e Instagram.

Poetas Alberto Caeiro e Herberto Hélder são alguns dos autores com versos espalhados pela cidade do Porto



▸▸ Joana Abreu tem 23 anos e dedica-se a preencher azulejos da cidade com mensagens de poetas portugueses (e não só)

A pessoa por detrás destes azulejos é uma apaixonada pela descoberta e pela intervenção urbana como forma de melhorar a vida de cada um. Natural de Valongo, e residente no mesmo concelho, Joana Abriu é mestranda em Arte e Design para o Espaço Público na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e foi na faculdade que começou a gizar o projeto. "O tema da minha tese, rotinas da cidade, alia-se a algo que faço muito, que é andar a pé pelo Porto, sempre atenta aos detalhes", conta, ao P24, Joana Abreu, que se sentiu inspirada para criar o "Preencher Vazios" a partir do projeto lisboeta "Amélie", também de intervenção urbana.

Pensou em ocupar os espaços vazios com azulejos, e depois de ter feito algumas experiências com papel, em Valongo, acabou por aperfeiçoar a técnica com azulejos de madeira. "Os azulejos típicos são feitos em 14x14 cm. Hoje em dia, só se vendem azulejos 13x13 ou 15x15. Assim [utilizando a madeira] é uma forma de conseguir o tamanho ideal", justifica. Outra vantagem é a possibilidade de fazer azulejos partidos ou rachados, para ocupar o espaço que sobrou do azulejo original partido. Nestes azulejos encontramos uma ligação ao modo de vida de Joana. Tanto os excertos de poetas como as frases criadas pela própria se ligam "ao tempo e ao espaço", e consequentemente ao tema da sua tese, mas também às suas convicções pessoais: a quebra da rotina, "aproveitar um dia de cada vez".

Uma das frases que a designer assim é "Faz loucuras. Não deixes que a vida seja monótona". Pouco monótona tem sido a vida deste projeto interventivo, que está presente em 14 locais diferentes, da rua da Picaria a São Bento da Vitória, passando pelo Bonjardim ou por Mártires da Liberdade. O crescimento continuará para a rua da Conceição e a rua de Trás.

Expansão para o Algarve O projeto tem sido "muito bem recebido", algo que Joana afere tanto pela reação das pessoas na rua como pelos comentários que a sua 'obra' motiva nas redes sociais. "Tenho recebido muitas mensagens e na rua contam-me que muita gente para a tirar fotografias. Estou a gostar muito", confessa, antes de contar que a iniciativa vai, em breve, expandir-se para o Sul. "Recebi o contacto de alguém que quer que lhe envie os azulejos para os colocar em vários prédios no Algarve. Lá para outubro ou novembro, já os devo enviar", conta a jovem finalista de mestrado, que está aberta a outras sugestões do género da que lhe chegou de terras algarvias.

De resto, qualquer um pode avisar Joana – deixando mensagem no Facebook do projeto – da existência de paredes sem cerâmico na baixa da Invicta.

Quando terminar a tese, Joana Abreu, que gosta de "andar pelo Porto à descoberta, como um turista", quer levar mais a sério o 'biscate' que mantém: a preparação de convites, menus e lembranças para casamentos. Agora pode não passar de uma forma de ganhar uns trocos mas Joana espera que essa atividade se torne mais séria. Mas avisa: "Não quero viver na rotina, não quero matar-me a trabalhar e não ter vida. Quero trabalhar quando quero e me apetece, sem ter horários". Joana diz que quer continuar a 'preencher vazios' enquanto puder. "Acho que é o projeto da minha vida". Quem fala assim...

Perfil

Joana Abreu

Tem 23 anos, é de Valongo e está a terminar a tese de mestrado em Arte e Design para o Espaço Público, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É licenciada em Design de Interiores pel Escola Superior de Artes e Design desde 2013. Para além de se entreter a "Preencher Vazios", prepara convites, menus e lembranças para casamentos como forma de ganhar uns trocos.

Revista PARQ ,
Outubro/Novembro 2015 , número 48,´pág.10
Teixeira, Joana. *Preencher Vazios*. Parq Magazine. Outubro de 2015. Nº48, p.10.

The street book

Texto por Rui Lino Ramalho

A ZEST compilou num único livro os melhores trabalhos de street art em Portugal, durante o ano de 2014. Trata-se do primeiro volume de um 'Best of' que, de acordo com a editora, passará a ser publicado anualmente.

Paulo Arraiano, *Walk&Talk*, São Miguel, Açores

Mr. Dheo, Porto

O álbum inédito compreende mais de 200 peças de arte urbana realizadas no ano passado, por quase uma centena de artistas, embora nem todos sejam tugas. De acordo com o editor da ZEST, NUNO SEABRA LOPES, o grande objetivo é «realçar que a street art não existe só nas grandes cidades, mas por todo o país». Reconhecimento para os já consolidados e montra para os que ainda dão os primeiros passos, o livro inclui ainda um diretório com os contactos dos artistas.

Fez-se inicialmente uma pré-seleção de 900 obras, que posteriormente viriam a ser condensadas nas cerca de 200 que foram reunidas na coletânea. Esta é a segunda incursão da editora pelo cosmo da arte urbana, depois da publicação de *Street cArt Lisbon*. No final de 2015, a ZEST começa já selecionar as obras para o próximo volume. O livro pode ser encontrado nas principais livrarias portuguesas, a um custo de 12€. As compras feitas online beneficiam de um desconto de 10%.

Preencher vazios

Texto por Joana Teixeira

Em Portugal, há muitos espaços vazios por preencher, mas só alguns podem ser preenchidos com azulejos de madeiras – os de edifícios antigos por esse país fora, cujos azulejos caem ou são roubados. Numa tentativa criativa de restaurar o património tradicional, à sua maneira, a designer JOANA ABREU deu asas à imaginação e criou o projeto *Preencher Vazios*.

JOANA ABREU fotografa azulejos de fachadas quase despidas, modifica-os esteticamente, alterando as suas cores e acrescentando frases inspiradoras de autores portugueses, e cola os novos desenhos em quadrados de madeira que depois encaixa entre os outros azulejos.

Até ao momento, são já 14 os edifícios no Porto com a sua marca, que surpreendem quem por eles passa com mensagens inesperadas como: "Faz com que o dia de hoje seja diferente do de ontem". Os transeuntes agradecem e JOANA promete continuar a sua missão de preencher os vazios pela cidade tripeira. Já repararte na tua rua hoje?

Revista NEWS CONCRETA,
19-22 Novembro 2015, ´pág.15

PORTO UMA CIDADE REFERÊNCIA NO TURISMO EUROPEU

PELOS OLHOS DE UM ARQUITETO

A cidade do Porto destaca-se das restantes cidades Europeias pelos seus roteiros turísticos, gastronómicos e vinícolas e pela oferta de vida noturna que surge inesperadamente ao virar de cada esquina, com estilos ecléticos e vanguardistas. Espalham-se pelas ruas músicas, risos e festejos, característicos de uma cidade jovem de ruas estreitas e sinuosas, que nos levam misteriosamente a pontos de grande cariz arquitectónico. O Teatro Nacional São João, a grandiosa Sé do Porto, a emblemática Estação de Comboios de São Bento, a Alfandega Nova do Porto e a famosa ponte D. Luís, construída por Gustave Eiffel, contrastam com a simplicidade e humildade de um povo com raízes no grande Atlântico, com os rostos marcados pela saudade dos homens pescadores que partem à procura de sustento para as suas famílias e com as palavras vincadas de pessoas espontâneas, genuínas e francas na sua maneira expressiva de comunicar. Classificado pela UNESCO como Património Arquitetónico Mundial, o Porto mostra-nos a história de uma cidade, onde ressalta à vista a austeridade do granito, as esbeltas clarabóias, as esguias fachadas vestidas com azulejos que alegram a alma de quem por elas passa e a variedade de cores que contrasta com o rio Douro e compõem a Ribeira. A passar por um processo de regeneração e reabilitação, as habitações, o comércio e as vias de circulação dão nova vida aos edifícios e mais movimento à cidade. Na periferia, são de sublinhar os percursos poéticos dos Jardins do Palácio de Cristal, a Livraria Lello, a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto com as suas sublimes linhas que compõem uma verdadeira varanda para o Douro e o Palácio da Bolsa, dando destaque ao Salão Árabe com estuques revestidos a ouro. A importância do vinho associado ao rio Douro, guia-nos até às Caves do Vinho do Porto na margem de Gaia, vista de eleição dos visitantes, que se apresentam como um miradouro para a cidade do Porto, com a sua colina repleta de janelas que compõem vários ritmos, onde se destaca a Torre dos Clérigos como um elemento relevante para o skyline da cidade. Repleta de cultura, arte e com uma gastronomia ímpar em lugares reabilitados, recônditos e ainda muitos por descobrir e experimentar, é uma das cidades mais enriquecedoras e apaixonantes a visitar em Portugal.

Arquiteta Filipa Anjos Frias
MIA.ARQUITETOS

DESAFIO CRIATIVIDADE

A nossa rotina diária acaba por ser um desafio na medida em que devemos procurar sair da nossa zona de conforto e expormo-nos a novas situações.

Enquanto percorremos a cidade, a imagem que vemos e guardamos connosco acaba por se sobrepor às que já temas armazenadas, pois a informação do exterior é tanta que acabamos por não a conseguir filtrar correctamente.

O projecto Preencher Vazios procura quebrar essa rotina visual que temos acerca da cidade e sensibiliza-nos a estarmos atentos a estes pequenos detalhes que nos rodeiam diariamente.

O revestimento azulejar português é considerado património nacional e é reconhecido internacionalmente como uma arte secular, afirmando-se até como uma das atracções turísticas de Portugal.

Este projecto nasceu com o intuito de preencher os espaços vazios as fachadas das casas e edifícios de várias cidades, e procura surpreender os transeuntes com algo que não estavam habitados a ver durante o seu percurso, transmitindo-lhes algumas mensagens através de frases de poetas portugueses. É um convite a percorrer as ruas, a optar por caminhos diferentes e ir à descoberta do novo, como se nos tornássemos turistas na nossa própria cidade.

Muito mais que uma intervenção artística e criativa, o Preencher Vazios pretende chamar à atenção para a necessidade de preservar o património azulejar português que tem sofrido uma perda progressiva de azulejos nos últimos anos, provocada pelo desgaste natural do tempo, mas principalmente pelo furto que nos últimos tempos tem vindo a aumentar.

Podemos compreender o caminhar como um processo criativo que nos proporciona um conjunto de novas sensações e que nos faz desviar o olhar na cidade.

https://www.facebook.com/preenchervazios
https://www.instagram.com/preencher_vazios

Joana Abreu
Designer

Jornal *JORNAL DE NOTÍCIAS*
1 de Janeiro de 2016, pág.18
Monteiro, Maria João. *Joana espalha poesia pelas fachadas vazias da cidade*. Jornal de Notícias. Porto, 1 de Janeiro de 2016. Nº, p.18.

Porto Projeto de estudante de Arte e Design alerta para a necessidade de conservação dos azulejos. E quer aventurar-se noutros concelhos

Joana espalha poesia pelas fachadas vazias da cidade

Joana Abreu junto a uma das suas intervenções, em que insere frases "relacionadas com o tempo e o espaço"

Maria João Monteiro
locais@jn.pt

► Alertar para a conservação do património dos azulejos é o objetivo do projeto "Preencher Vazios". Prestes a concluir o mestrado em Arte e Design para o Espaço Público, Joana Abreu, 23 anos, precisava de um tema para a tese. Descobriu as "rotinas da cidade" enquanto andava pela rua e já colocou mais de 60 azulejos no Porto. "Comecei a reparar nas fachadas sem azulejos e a ver como poderia intervir".

Tudo começa com uma fotografia da parede que quer trabalhar. De seguida, experimenta cores diferentes no mesmo padrão, no "Photoshop" e, finalmente, acrescenta uma frase de um autor português. Impresso o papel para o azulejo, Joana usa cola branca para o juntar a um quadrado de madeira de 14x14cm. Depois, passa acrílico para unificar tudo.

Estudante quer surpreender moradores com uma "coisa nova"

À primeira vista, não se nota que os azulejos são de madeira. "É mais fácil para trabalhar em casa e, no dia seguinte, posso ir logo preencher a fachada", diz. Alguns azulejos apenas estão partidos parcialmente e, assim, é possível recortar e fundir o novo com o original. O azulejo é posteriormente fixado na parede com silicone. "Não posso usar materiais muito fortes, porque quem quer tirar, tira na mesma".

Joana usa frases de autores como Agustina Bessa-Luís e Sophia de Mello Breyner. As mensagens "têm que estar relacionadas com o tempo e o espaço", para preencher os edifícios degradados. Os locais são escolhidos aleatoriamente, quando passa pelas ruas do Porto. Com a fita métrica e o telemóvel à mão, Joana fotografa e assinala fachadas degradadas. Inicialmente, não era muito exigente, mas a pouca duração dos azulejos alterou essa prática. "As pessoas tiravam-nos, sobretudo à noite". Solução: vai começar a fazer as instalações a um nível mais alto, usando escadotes.

Reconhecendo o caráter efémero da intervenção, Joana admite que não solicitou autorização municipal. No que diz respeito aos moradores, quer que as pessoas "cheguem a casa e vejam uma coisa nova sem contarem".

No futuro, Joana deseja aventurar-se por outras cidades, fachadas e vazios e continuar à procura de espaços onde possa apaziguar a passagem do tempo e da ação humana. Para já, quer concluir a tese em março do próximo ano ●

Projeto já ultrapassa fronteiras

ATRAVÉS do Facebook e do Instagram, Joana Abreu tem conseguido levar a vencer as fronteiras do Porto. Em setembro, esteve no festival Encontros da Imagem, em Braga. "A Joana interveio em quatro fachadas da cidade, mas também expôs o projeto, um livro e um vídeo sobre o trabalho", conta Eurico Silva, responsável pela plataforma de artistas Fusca.

O trabalho também chegou à atenção do SOS Azulejo, que desde 2007 tenta reparar e prevenir a destruição daquele património português.

"A Joana não está sozinha neste panorama artístico contemporâneo. Achamos extremamente interessante o facto de estes artistas, a partir da própria ruína do azulejo, construírem uma obra de arte", declara a coordenadora, Leonor Sá.

As opiniões, no entanto, não chegam só pela via online. Cristiana Sousa é colega de mestrado de Joana e acha que o "Preencher Vazios" está a fazer a diferença. "A Joana está a tirar partido de uma realidade que afeta cada vez mais os centros das cidades, em que a maior parte das casas se encontra ao abandono e os azulejos acabam por tomar um rumo semelhante".

Jornal *DICA DA SEMANA*, Lidl
Martins, Carlos. *Azulejo a azulejo, a nova pele da cidade*. Porto24. Porto, 28 de Janeiro de 2015.

• Porto

Azulejo a azulejo, a nova pele da cidade

Joana Abreu criou o projeto "Preencher Vazios": substitui azulejos furtados por intervenções artísticas

Carlos Martins

CARLOS MARTINS

Cada intervenção tem uma *hashtag* permitindo encontrar as fotografias partilhadas nas redes sociais

Por toda a cidade do Porto há numerosos edifícios com azulejos furtados ou danificados. Para ajudar a solucionar o problema, a designer Joana Abreu decidiu avançar com o projeto "Preencher Vazios". O objetivo é renovar a cidade Invicta, dar-lhe uma nova 'pele'. Quem vê, não fica indiferente: os espaços vazios de azulejos deram lugar a intervenções artísticas, com mensagens e frases de escritores portugueses.

Como surgiu a ideia de criar o projeto?

Nos percursos diários que faço no Porto, incomodou-me o facto de serem poucas as fachadas que não têm falta de azulejos. Há cerca de um ano pensei em utilizar este problema como projeto central da minha tese. O "Preencher Vazios" surge com o intuito de preencher os espaços vazios das fachadas dos edifícios do Porto e pretende chamar a atenção para a necessidade de preservar o património azulejar português, que tem sofrido uma perda progressiva de azulejos nos últimos anos, devido ao desgaste natural do tempo e pelo aumento do furto de azulejos.

Renovar a cidade com azulejos é um objetivo ambicioso...

Ambicioso na medida em que 'nem sei para onde me virar' quando quero começar a intervir. São centenas as fachadas do Porto que tenho anotadas para um dia intervir. É-me impossível dar atenção a todas, mas as que têm bom potencial não deixo de parte.

O que a fascina na arte do azulejo?

A diversidade de padrões e de cores. Gosto de encontrar um novo. Gosto de ir a outras cidades, olhar para eles e pensar: "este já conheço, está no Porto na rua tal..." Todos os padrões contam-me uma história, porque estão ligados ao contexto da intervenção, à rua e às pessoas com quem falo.

Porquê utilizar azulejos de madeira?

O azulejo não é de cerâmica. O suporte é em madeira por ser mais fácil fazer os recortes de encaixe necessários quando existe algum azulejo partido na fachada. Quando vejo uma fachada interessante onde posso intervir tiro uma fotografia e as medidas ao padrão. Depois altero as cores do padrão em Photoshop, imprimo em papel, colo na madeira e finalizo com um acabamento em acrílico.

Acompanha o sucesso desta iniciativa? De que forma?

Cada intervenção tem um azulejo com a hashtag #preenchervazios para que depois se consiga encontrar as fotografias partilhadas pelas pessoas nas redes sociais. É a partir desta partilha que consigo verificar o estado da intervenção e se faltam azulejos. É interessante que a intervenção em Cedofeita continue intacta. Todos se identificam com a frase da escritora Agustina Bessa-Luís que escolhi: "O Porto não é um lugar, é um sentimento".

No seu entender, o que poderiam as entidades fazer no sentido de salvaguardar a preservação dos azulejos em Portugal?

O roubo de azulejos é um dos problemas fundamentais a tentar combater. Durante as minhas intervenções, conheci pessoas que confessaram que roubavam azulejos para vender em feirinhas. O maior problema das fachadas no Porto é não serem preenchidas com argamassa, para não ser tão fácil roubar os restantes azulejos. Devia-se recuperar as fachadas, preenchendo os espaços vazios com azulejos com outros padrões e intervenções artísticas.

Há novos projetos na manga?

Pretende-se que esta iniciativa seja vista como uma ferramenta de reabilitação, para possível comercialização. A impressão em azulejo é um dos próximos passos, o que requer outros investimentos...■

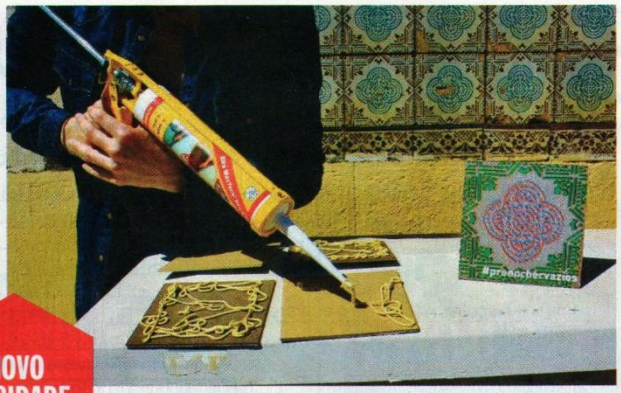
Perfil

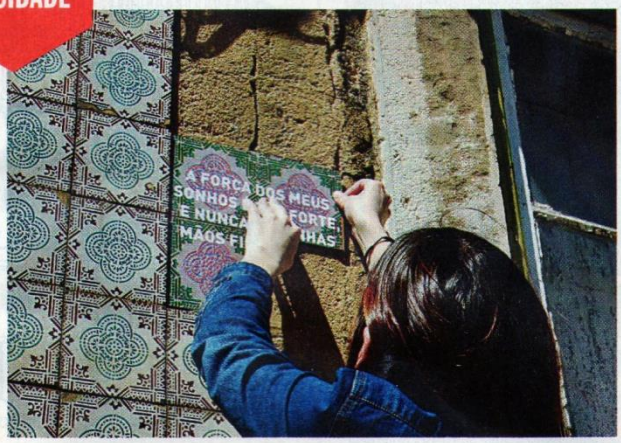
Joana Abreu tem 23 anos e é licenciada em Design de Interiores pela ESAD de Matosinhos. Atualmente, encontra-se a terminar o grau de Mestre em Arte e Design no Espaço Público, na Faculdade de Belas Artes do Porto. É natural de Valongo, mas passa a maior parte do seu tempo no Porto. Gosta de estar constantemente a inventar coisas novas e a usufruir dos pequenos momentos que a vida lhe proporciona. "Preencher Vazios" é um dos seus projetos pessoais. Para mais informações, consulte a página facebook.com/preenchervazios.

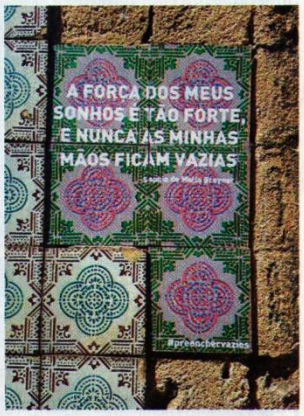
Revista TIME OUT LISBOA
11 a 17 Maio, número 450 pág.11
Gonzaga, Catarina. *Novo na cidade*. Time Out Lisboa. 11 de Maio de 2016. Nº450, p.11.

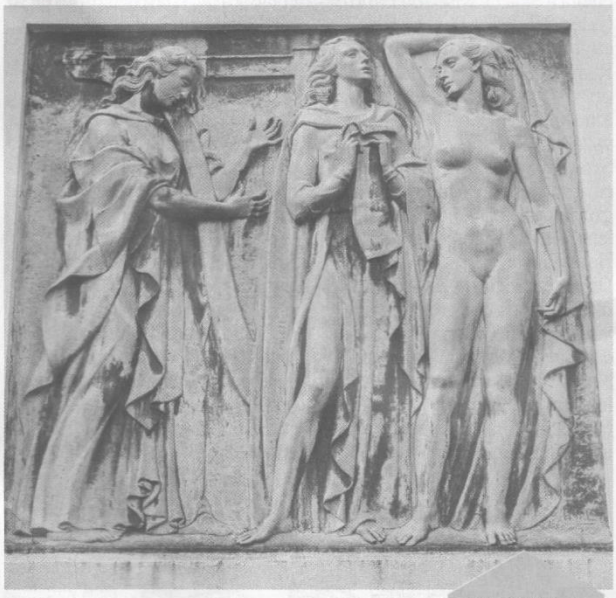
NOVO NA CIDADE

Há vazios de Lisboa que começaram a ser preenchidos, graças a uma ideia que nasceu na Invicta. "Ao caminhar pelas ruas do Porto apercebi-me de que há muitas fachadas onde faltam azulejos, muitos deles roubados. Decidi alertar para este problema preenchendo esses espaços", conta Joana Abreu, fundadora do projecto Preencher Vazios. Mas quando a alfacinha Rita Varela o conheceu não ficou indiferente e falou com a tripeira. "Sou uma apaixonada por azulejaria, vi que o projecto tinha potencial em Lisboa e falei com a Joana para colaborar da maneira possível", explica Rita. De fita métrica e máquina fotográfica em punho, Rita tira as medidas dos espaços vazios. Depois Joana recria as imagens e os azulejos em madeira, ainda lhes acrescenta mensagens de poetas portugueses e envia para Lisboa. Por cá já foram colados dois painéis, na Rua da Vitória (Baixa) e na Rua da Junqueira, e pode acompanhar as próximas intervenções nas páginas oficiais do Facebook e Instagram [preenchervazios].
Catarina Gonzaga









DESCUBRA O QUE É ISTO

Todas as semanas testamos a memória fotográfica de quem nos lê. Sabe o que é isto? Respostas para o mail: leitores@timeout.pt
O que isto podia ser: Uma das primeiras maquetes de *A Guerra dos Tronos*, a série com maior densidade mamária por episódio.
O prémio do vencedor: *Baratas*, de Jo Nesbo

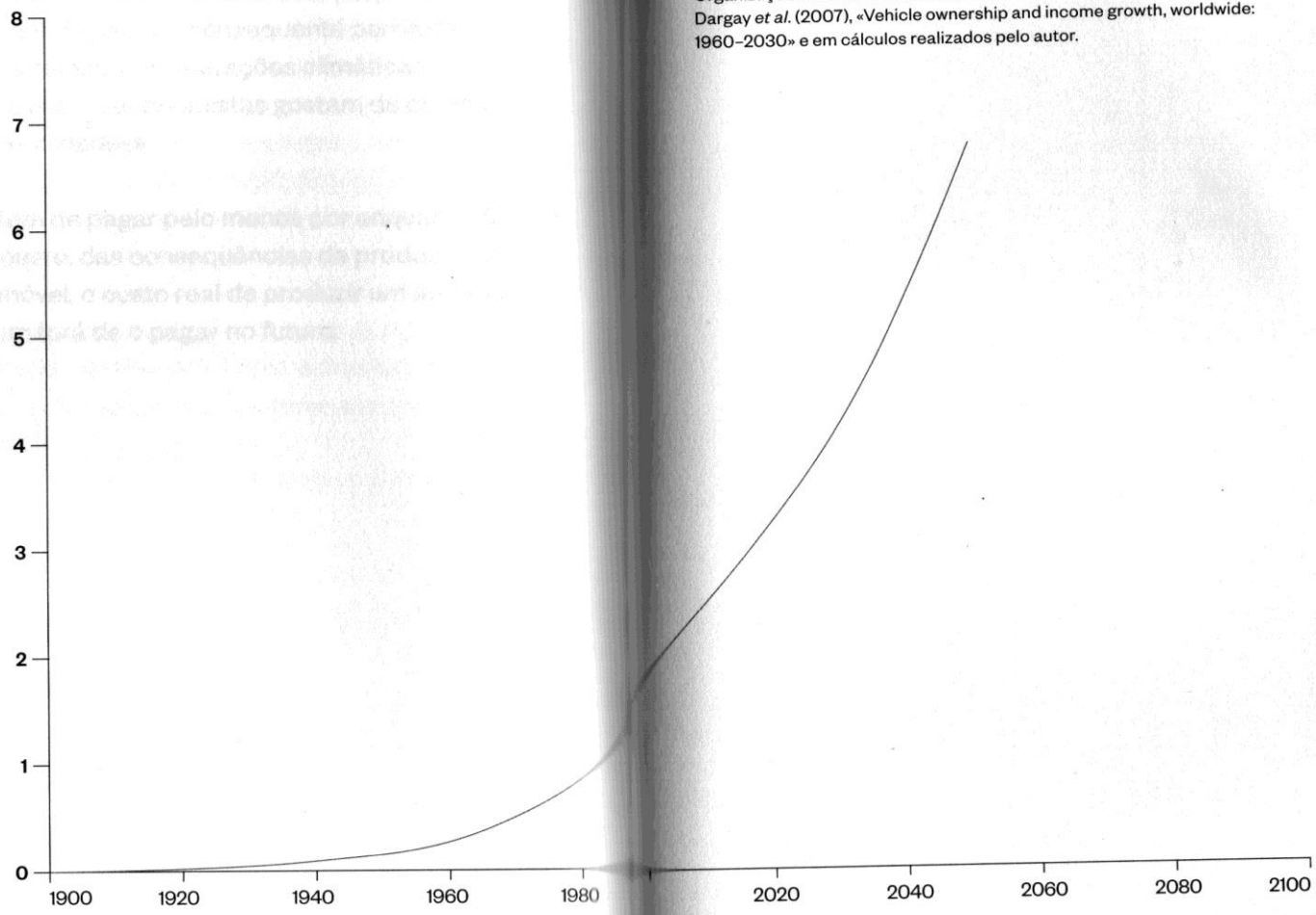
Salte no trampolim da página 32.

Programa *LITERATURA AQUI,* RTP2
22 de Dezembro de 2015
Vídeo disponível em: http://www.rtp.pt/play/p1990/e218544/literatura-aqui

Programa *OLÁ MARIA,* Porto Canal
20 de Junho de 2016
Vídeo disponível em: http://portocanal.sapo.pt/um_video/yuV8F1PdZz7pWfPfE2CW

Transporte

Número de veículos (mil milhões)



Entre 1900 e 2012, produziram-se cerca de 2,6 mil milhões de veículos (automóveis, autocarros, camiões). Em 2050, poderão ter sido produzidos mais 4 mil milhões de veículos (projeção baseada numa taxa de crescimento anual de 2,5 por cento. A taxa de crescimento média entre 1998 e 2011 foi de 3,27 por cento). Dados e projeções baseados em informações da Organização Internacional de Construtores de Automóveis (OICA), em Dargay *et al.* (2007), «Vehicle ownership and income growth, worldwide: 1960–2030» e em cálculos realizados pelo autor.

Gráfico crescimento uso automóvel

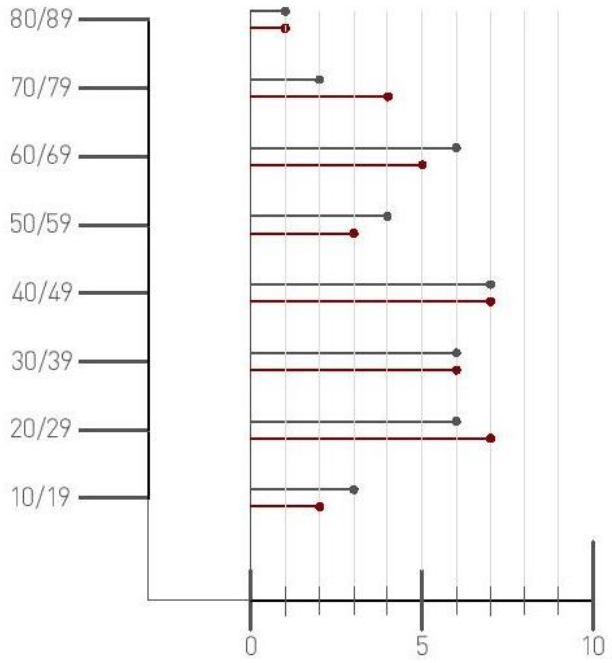


fig.1 / análise das idades das pessoas que passaram pela praça

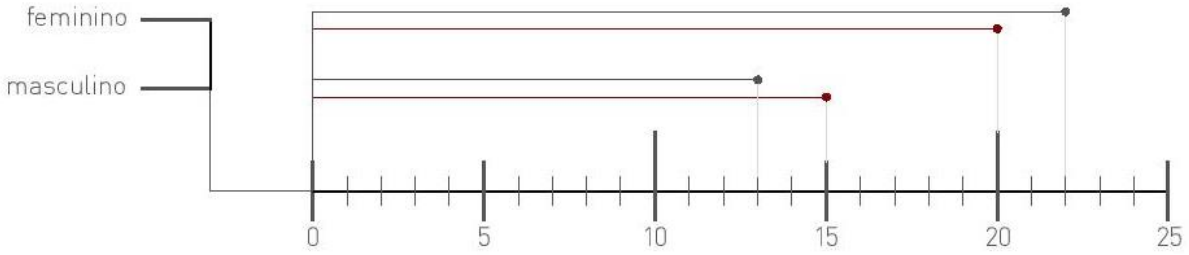


fig.2 / análise do género das pessoas que passaram pela praça

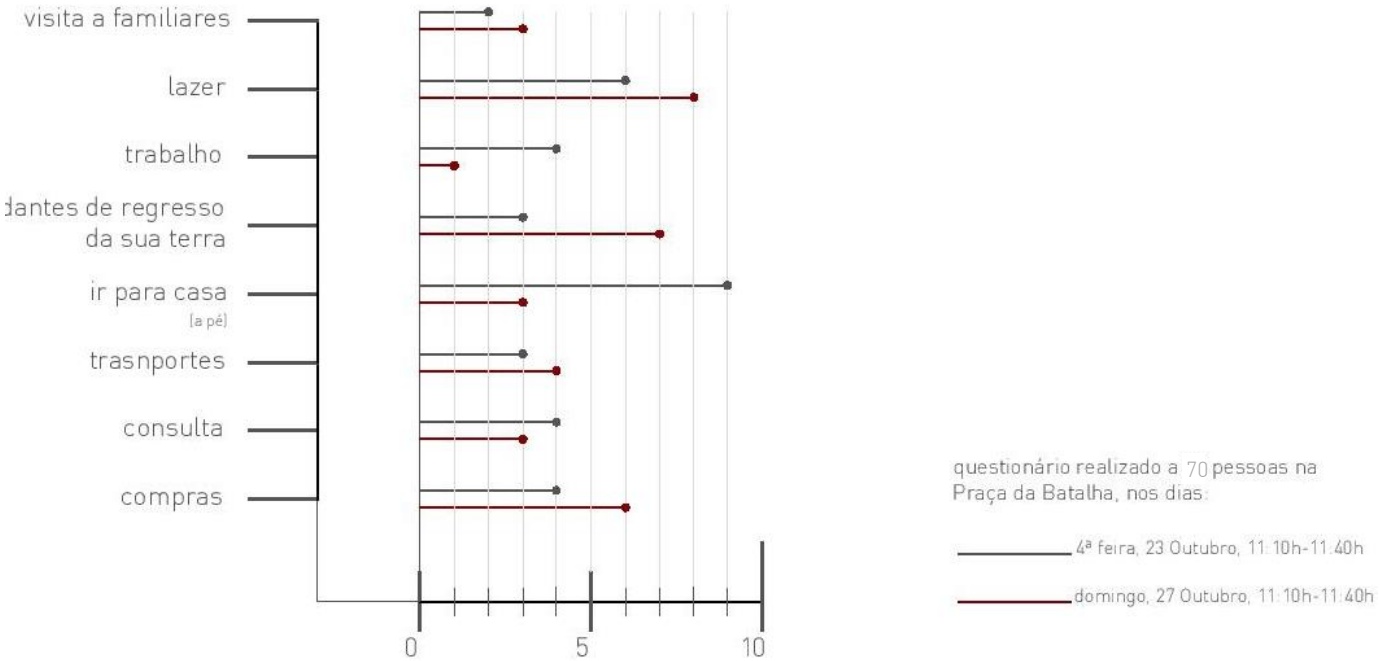
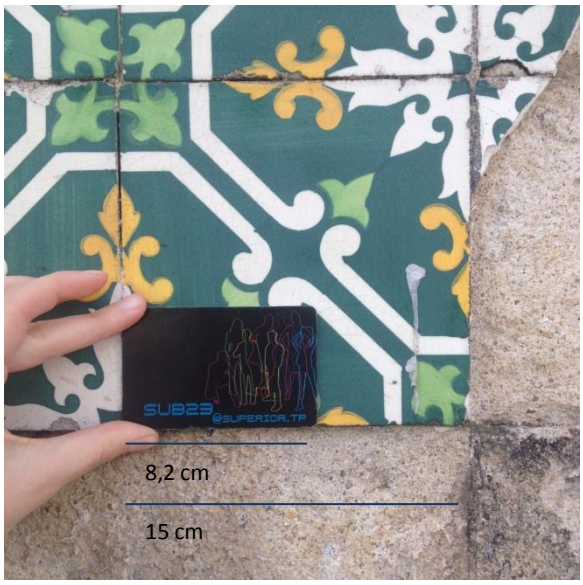


fig.3 / análise do propósito da acção de passaram pela praça


SUB23
@SUPERIOR.TP
8,2 cm
15 cm

Câmaras reforçam protecção dos azulejos, mas furtos estão a aumentar

MARISA SOARES 19/04/2015 - 11:09

Em Lisboa e em Vale de Cambra já é proibida a demolição de fachadas azulejadas e a remoção dos azulejos das paredes. É o "início de uma nova era", diz a responsável pelo projecto SOS Azulejo, ressalvando que ainda há muito a fazer.

Quando começam a faltar azulejos nas paredes, os ladrões de azulejos têm a tarefa facilitada ENRIC VIVES-RUBIO

1 / 2

A 3 de Abril um homem de 59 anos foi detido em flagrante pela PSP de Lisboa, à hora do almoço, a roubar azulejos do interior de um prédio situado em Belém. Tinha uma caixa cheia na mão, outra pronta para levar. O ladrão já tinha sido detido 15 dias antes pelo mesmo motivo e é suspeito de "inúmeros" furtos de azulejos, um crime que está a aumentar desde o ano passado apesar dos esforços das autoridades, autarquias e até da sociedade civil para proteger este património.

Em 2014 a brigada de obras de arte da PJ de Lisboa investigou dez furtos de azulejos (houve 14 no país todo), mais quatro do que no ano anterior. E só no primeiro trimestre de 2015 recebeu seis participações por crimes desta natureza. "No ano passado houve um aumento significativo de furtos de azulejos em grandes quantidades, sobretudo de azulejos de padrão", diz Óscar Pinto, coordenador da brigada, ressalvando que nem todos os furtos são denunciados. Mesmo os casos que chegam à PSP ou à GNR podem não ir parar à PJ. Ou seja, os números pecam por defeito.

A maioria dos furtos de azulejos ocorre na zona de Lisboa, onde está concentrada a maior parte do património azulejar português. A época mais "negra" situou-se entre as décadas de 1980 e 2000, durante as quais houve uma perda estimada (segundo

números da autarquia) de 25% dos azulejos artísticos existentes na capital. Nos finais da década de 1990 e início dos anos 2000, a PJ investigava em média 30 furtos destes materiais por ano, sendo que um só caso podia envolver milhares de unidades - e milhares de euros.

O número de furtos começou a diminuir após a criação do projecto SOS Azulejo, em 2007. Segundo o inspector Óscar Pinto, em 2010 a PJ investigou 12 casos, oito em 2011, seis no ano seguinte e seis em 2013. Mas em 2014 a tendência inverteu-se. A própria sociedade civil, organizada em grupos activos nas redes sociais (como o Património em Perigo (https://www.facebook.com/groups/129723740377368/?fref=ts) e o Azulejos de Lisboa (https://www.facebook.com/pages/Azulejos-de-Lisboa/1496550537223474?fref=photo)) e em blogues (como o Cidadania Lx (http://cidadanialx.blogspot.pt/)), tem denunciado inúmeros furtos.

"Sem qualquer fundamento científico, penso que este aumento está, pelo menos em parte, relacionado com o aumento do turismo", afirma o coordenador. Os pequenos quadrados de cerâmica que revestem milhares de paredes e fachadas de prédios da capital atraem cada vez mais a atenção dos turistas. E se uns se contentam com fotografias ou postais, outros preferem levar azulejos como recordação. O problema, comenta Óscar Pinto, é que muitos dos exemplares que estão à venda em locais como a Feira da Ladra resultam de furtos.

No ano passado, uma iniciativa de Rosa Pomar, pós-graduada em História Medieval e investigadora na área dos têxteis tradicionais portugueses, agitou consciências: um cartaz (http://aervilhacorderosa.com/2014/09/azulejos/)mostra a fachada azulejada de um prédio, onde faltam já diversos azulejos, e nesse espaço livre lê-se "*Please don't buy azulejos at flea markets or antique shops, this is where all of them come from*" (Por favor não compre azulejos nas feiras de velharias ou nas lojas de antiguidades, é daqui que todos eles vêm). Os responsáveis pelo projecto SOS Azulejo, coordenado pelo Museu da PJ e que visa proteger o património azulejar, aproveitaram a deixa e juntaram-se à iniciativa, mas cortaram a parte da frase que alude aos locais de compra.

O combate aos furtos e à destruição dos azulejos figurativos, desenhados à mão, mais comuns no interior de monumentos ou de edifícios de arquitectura distinta, tem beneficiado da divulgação das fotografias dos painéis no site do SOS Azulejo. Já a protecção dos azulejos de padrão, tipicamente utilizados para cobrir fachadas, é mais difícil. "Os vendedores dizem que são originários de demolições e isso é perfeitamente possível, pelo que não há muito a fazer", explica Leonor Sá, coordenadora do projecto.

Por isso é que a medida tomada em 2013 pela Câmara de Lisboa para travar a demolição de fachadas azulejadas, resultado de uma proposta do SOS Azulejo, representa "o início de uma nova era", sublinha Leonor Sá.

O novo Regime Municipal de Urbanização e Edificação de Lisboa, publicado a 16 de Abril de 2013, proíbe a remoção de azulejos das fachadas bem como a demolição de fachadas revestidas a azulejos "de qualquer edificação, salvo em casos devidamente justificados, autorizados pela Câmara Municipal". A medida não se aplica a novos projectos cujas licenças sejam anteriores à data da publicação do regulamento – motivo pelo qual este ano houve pelo menos duas demolições de prédios com fachadas azulejadas, segundo a coordenadora do SOS Azulejo. Mesmo assim "é uma mudança de 180 graus na defesa do património azulejar", afirma, admitindo porém que faltam medidas mais apertadas para proteger os azulejos de interior, salvaguardados apenas quando os edifícios são classificados.

10. Referências

Bibliografia

Al Berto. (1982). *Trabalhos do olhar*. Lisboa: Contexto.

Andresen, Sophia de Mello Breyner. (1999). *Obra poética III*. Lisboa: Caminho

Augé, Marc. (2006) [1992]. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Campinas: Papirus

Augusto, Armindo. (1997). *Miguel Torga O drama de existir*. Chaves: Tartaruga.

Bañón, Joaquim. "Habitar é um verbo vazio. Conjecturas sobre o hábito e a habitação" in Maria Milano*, Do habitar*.(2005). Matosinhos: Edições Esad. p.64-68

Baudelaire, Charles. (2006) O Pintor da Vida Moderna. Lisboa: Nova Veja.

Belo, Ruy. (1997). *O problema da habitação*. Lisboa: Editorial Presença.

_____(1973). *Transporte no tempo*. Lisboa: Circulo de Poesia.

Bento, José. (2002). *Um sossegado silêncio*. Porto: Asa.

Brandão, Pedro. (2011). *A imagem da cidade*. *Ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura.* Lisboa: Livros Horizonte.

Calvino, Italo. (2009). *As cidades invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema

Careri, Francesco. (2014). *Walkscapes. O caminhar como prática estética.* Barcelona: Gustavo Gili.

Certeau, Michel. (1980). *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Correia, Victor. (2013) *Arte Pública. Seu significado e função*. Lisboa: Fonte da Palavra.

Debord, Guy. Teoria da deriva. Tradução: Carlos Roberto Monteiro de Andrade. *Óculum*, Campinas, n. 4, 1993, p. 26-29

Delle Donne, Marcella. (1979). *Teorias sobre a cidade*. Lisboa: Edições 70.

Emmott, Stephen (2013). *Dez mil milhões*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Guimarães, Rita (2009) *Práticas de recepção Cultural: Os Públicos das Galerias de Arte.* Tese (Mestrado em Educação Artística) -Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Hall, Edward T. (1986). *Dimensão oculta*. Lisboa: Relógio D'Água.

Heidegger, Martin . (1951). *Construir, habitar, pensar.* Em: conferência pronunciada por ocasião da Segunda Reunião de Dasmastad, Pfulingen.

Innerarity, Daniel. (2010). *O novo espaço público*. Lisboa: Texto Editora.

Lefebvre, Henri. (2008). *O direito à cidade*. São Pauli: Centauro Editora.

Lopes, João Teixeira. (2008). *Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público*. In Rogério Proença Leite (org.), *Cultura e Vida Urbana – Ensaios sobre a cidade*. UFS: Editora São Cristóvão.

Martins, José. *Construção do Lugar*. [Editorial]. Dédalo - Displace, nº8, pag.87, 2011.

Mela, Alfredo. (1999). *A Sociologia das Cidades*. Lisboa: Editorial Estampa.

Milano, Maria. (coordenação). (2005). *Do habitar.* Matosinhos: Edições Esad.

Miles, Malcom. Andrade, Pedro. Remessar, Antoni. et. Al. (2010). *Arte pública e cidadania: novas leituras da cidade criativa,* Sintra: Caleidoscópio.

Peixoto, Nelson. (2003) *Paisagens Urbanas.* São Paulo: Snac.

Peixoto, Nelson & Sergio Paulo Rouanet. *É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?* Revista USP (São Paulo). Nº15, p.72, Set-Nov 1992.

Pessoa, Fernando (1994). *Odes de Ricardo Reis*. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática.

Portugal, Maria João. *A cidade texto. A cidade post-it*. [Editora]. Pli Arte e Design, nº1, pag.72, Jun, 2011.

Regatão, José. (2010). *Arte Pública e os Novos Desafios das Intervenções no Espaço Urbano*.
Lisboa: BonD - Books on Demand.

Rogers,Richard & Philip Gumuchdjian. (2013.) *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: Gustavo Gili.

Rainho, Rita & Carlos Paiva. (2014). *Intervenção Intercultural no Espaço Públic*o. Lisboa: Mais Leituras Editora

Silvano, Filomena. (2010). *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Tavares, Vitor. (2007). *Não-lugares na cidade do porto*. D*issertação de mestrado em arte de multimédia*. Faculdade de Belas Artes do Porto.

Tuan, Yi-Fu. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.

Urry, John (2007). *Mobilities.* Cambridge: Polity Press.

Urry, John & Jonas Larsen. (2011). *The tourist gaze.* Londres: Sage Publications Ltd.

Virilio, Paul. (1997). *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade.

_____(2011). *Ciudad pánico: el afuera comienza aquí*. Buenos Aires: capital Intelectual.

Zevi, Bruno. (1996) *Saber ver a arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.

Webgrafia

Albuquerque, Fernanda, (2008) *A recepção em tempos de aceleração ou por uma temporalidade distendida.* Disponível em www.forumpermanente.org/event_pres/simp_sem/simposio/documentacao/documentacao-conferencia-inaugural/relato-conferencia-inaugural, 25 de Março de 2014

Alves, André. *O sucesso do turismo no Porto, a iniciativa privada e os artistas.* Jornal Observador, 17 de Janeiro de 2015. Disponível em: www.observador.pt/opiniao/o-sucesso-turismo-no-porto-iniciativa-privada-e-os-artistas/, 3 de Julho de 2015.

Alves, Luiz Augusto Reis . *O conceito de lugar*. Vitruvius – Arquitextos. Agosto, 2007, disponível em www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225, 26 de Outubro de 2014.

Aranha, Maria & Maria Martins. (s.d.). *Arte de elite, arte popular, arte de massa.* Disponível em www.sites.google.com/site/professordiegoobonito/temas-de-filosofia---arte-de-elite-arte-popular-arte-de-massa, 19 de Fevereiro de 2014

City as Living Laboratory . (s.d.). *Broadway: 1000 steps.* Disponível em: www.cityaslivinglab.org/bcall-broadway-1000-steps/, 8 de Outubro de 2016

Coelho, António. *As Medidas do Homem a as Medidas da Cidade: Sobre a Natureza do Habitar.* Coelho, António [Editora]. Infohabitar, Ano VIII, n.º413,
Outubro, 2012, disponível em www.infohabitar.blogspot.pt/2012/10/as-medidas-do-homem-e-as-medidas-da_26.html, 9 de Janeiro de 2015.

Debord, Guy. (1958). *Teoría de la deriva.* Disponível em:
www.ugr.es/~silvia/documentos%20colgados/IDEA/teoria%20de%20la%20deriva.pdf, 6 de Outubro de 2015

Festival Silêncio. (2015). Disponível em http://festivalsilencio.com/, 2 de Julho de 2015

Jaques, Paola Berenstein. *Entrevista a Francesco Careri* .Revista *Redobra*, ed. Nº11, ano 4, disponível em: http://issuu.com/laboratoriourbano/docs/revista_redobra11_virtual, 15 de Agosto de 2015

Lipp, Marilda. (s.d.) *O stress das grandes cidades.* IPCS.
Disponível em www.estresse.com.br/ipcs-na-midia/folha-de-s-paulo-o-estresse-das-grandes-cidades, 14 de Setembro de 2014.

Mandarola,Eduardo. (2009). *Por um paradigma da(s) mobilidade(s)* . Disponivel em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982009000100013 , 7 de Outubro de 2017.

Olda, Danny. (2013). *Street Art Interventions To Disrupt Your Walk In The City.*
Disponível em www.beautifuldecay.com/2013/07/04/street-art-interventions-to-disrupt-your-walk-in-the-city/, 9 de Janeiro de 2015

Pinto, Mariana. *Tiled, uma marca para preservar o património azulejar português.* Jornal O Público, 8 de Abril 2015. Disponível em: http://p3.publico.pt/vicios/espelho/16011/tiled-uma-marca-para-preservar-o-patrimonio-azulejar-portugues#, 2 de Julho de 2015

Poro. (2002) Intervenções Urbanas acções efémeras.. *Azulejos de Papel.*
Disponível em www.poro.redezero.org/azulejos/, 15 de Dezembro de 2014.

Saturnino, Rodrigo. (s.d.). *O último suspiro do flâneur*. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf, 7 de Outubro de 2016

Projecto Amelie. (2012). Disponível em www.facebook.com/ProjectoAmelie, 19 de Janeiro de 2015

Ramalhete, Filipa. (s.d.) *Não lugares, de Marc Augé*. Disponível em: www.estudoprevio.net/livros/1/filipa-ramalhete-.-nao-lugares-de-marc-auge, 7 de Outubro de 2016

Soares, Maria. *Câmaras reforçam protecção dos azulejos, mas furtos estão a aumentar*. Jornal O Público, 19 de Abril 2015. Disponível em: www.publico.pt/local/noticia/camaras-apertam-regras-para-proteger-azulejos-mas-os-furtos-estao-a-aumentar-1692745, 6 de Maio de 2015

Tversky, Barbara (s.d.) Narratives of Space, Time, and Life. Disponível em: http://psych.stanford.edu/~bt/space/papers/03_mila003.pdf, 15 de Julho de 2015

Bibliografia do projecto Preencher Vazios

Freitas, Simão. *Azulejos contra rotina*. Porto24. Porto, 14 de Agosto de 2015. Nº13, p.18.

Gonzaga, Catarina. *Novo na cidade*. Time Out Lisboa. 11 de Maio de 2016. Nº450, p.11.

Martinho, Maria. *Made in Porto*. Time Out Porto. Porto, Setembro de 2015. Nº66, p.49

Martins, Carlos. *Azulejo a azulejo, a nova pele da cidade*. Porto24. Porto, 28 de Janeiro de 2015.

Monteiro, Maria João. *Joana espalha poesia pelas fachadas vazias da cidade*. Jornal de Notícias. Porto, 1 de Janeiro de 2016. Nº, p.18.

Teixeira, Joana. *Preencher Vazios*. Parq Magazine. Outubro de 2015. Nº48, p.10.

Webgrafia do projecto Preencher Vazios

Conexão Lusófona (2006). *Projeto preenche vazios na cidade do Porto com poesia.* Disponível em:http://www.conexaolusofona.org/projeto-preenche-vazios-na-cidade-do-porto-com-poesia/#.Vc-twPlVikr, 13 de Agosto de 2015

Cultura ao minuto (2015). *Jovem quer preencher espaços vazios entre azulejos perdidos.* Disponível em: http://www.noticiasaominuto.com/pais/436650/ha-tres-universidades-portuguesas-entre-as-melhores-do-mundo, 10de Agosto de 2015

Fusca.(2015). *Os vazios preenchidos pela Joana!* Disponível em: https://fuscaconcept.wordpress.com/2015/08/12/os-vazios-preenchidos-pela-joana/, 14 de Agosto de 2015

Gazeta do Rossio. (s.d.). "*Preencher Vazios" das fachadas portuguesas com azulejos de madeira.* Disponível em: http://www.gazetadorossio.pt/cultura/preencher-vazios-das-fachadas-portuguesas-com-azulejos-de-madeira/, 10 de Agosto de 2015

LSD Magazine (2015). *Joana Abreu – Portugal.* Disponível em: http://londonstreetartdesign.co.uk/joana-abreu-portugal/, 11 de Agosto de 2015

Público. (s.d.). *Ela "preenche vazios" com azulejos em madeira.* Disponível em: http://p3.publico.pt/cultura/exposicoes/17679/ela-preenche-vazios-com-azulejos-em-madeira, 6 de Agosto de 2015